

RAUL GOMES CANDIAN

**DA PERVERSIDADE À SOLIDARIEDADE:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO
NA OBRA DE MILTON SANTOS**

Viçosa,
junho de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES

**DA PERVERSIDADE À SOLIDARIEDADE:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO
NA OBRA DE MILTON SANTOS**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, como exigência para aprovação na disciplina GEO 481 – Monografia e Seminário.

Orientador: Prof. Ulysses da Cunha Baggio

Viçosa,
junho de 2008.

Raul Gomes Candian
Autor

**DA PERVERSIDADE À SOLIDARIEDADE:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO
NA OBRA DE MILTON SANTOS**

Esta Monografia foi aprovada aos 23 dias do mês de junho do ano de 2008 como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharelado em Geografia do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa.

Banca avaliadora:

Professor Ulysses da Cunha Baggio
Departamento de Artes e Humanidades/UFV
Orientador

Professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo
Departamento de Artes e Humanidades/UFV
Avaliador

Professor Eduardo José Pereira Maia
Departamento de Artes e Humanidades/UFV
Avaliador

Viçosa,
junho de 2008.

À minha mãe, que sempre esteve a meu lado sem nenhuma hesitação e onde consigo encontrar a forma mais perfeita do amor.

Agradecimentos

Este trabalho não é o resultado apenas de um estudo realizado, mas sim um conjunto de vivências e experiências, pelas quais passei em minha vida. Sabemos que em todo caminho encontramos momentos de felicidade como também situações difíceis. É por meio disso que percebemos o quanto é necessário ter a nosso lado aqueles a quem podemos buscar forças para poder seguir em frente.

É por isso que agradeço eternamente a minha mãe Maria da Conceição, pelos valores que dela pude receber, pela confiança, compreensão, sabedoria e vontade de vencer que sempre levarei comigo. Agradeço as minhas irmãs Rosiane e Rosane, por terem contribuído e participado de mais uma etapa de minha vida. Agradeço aos meus sobrinhos, pela ternura e alegria que cada um me ofereceu nas horas em que a caminhada se tornava cansativa.

Devo também agradecimentos aos meus amigos pelo companheirismo e a pela cumplicidade. Por terem feito parte de minha história durante todo esse tempo. Aos amigos Renato, Oscar e Altiére, dos quais a convivência que me proporcionou grandes alegrias e aprendizados. Aos amigos Paulo (Paulóca), Marcus (Mineiro) e Juliana (Jú Tostinha), pela cumplicidade dos momentos e a satisfação nos infindáveis debates que me deram um notável amadurecimento.

Imensamente sinto-se agradecido o meu orientador Ulysses, pelo seu profissionalismo e competência, mas, acima de tudo, pelo seu grande incentivo e por acreditar na realização deste trabalho.

Agradeço a professora Maria Isabel e ao professor Eduardo por terem aceitado avaliar e participar da apresentação deste trabalho, mas do que disso, pelos ensinamentos que me transmitiram dos quais são extremamente úteis em minha profissão.

Agradeço a todos os professores e colegas de curso que foram extremamente significantes em minha formação, despertando em mim a constante vontade de compreender a sociedade e o meio onde ela se (re)produz.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, diretamente ou não, fizeram parte desta curta e intensa trajetória que se tornou pra mim uma enorme conquista.

*“O pensamento é a força criadora
O amanhã é ilusório porque ainda não existe
O hoje é real, é a realidade que você pode interferir
As oportunidades de mudança está no presente
Não espere o futuro mudar sua vida
Porque o futuro será a consequência do presente
Parasita hoje, um coitado amanhã
Corrida hoje, vitória amanhã
Nunca esqueça disso”*

Fragmento da canção “A vida é desafio” - Racionais Mc's.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo a análise crítica do conceito de globalização no livro *Por uma outra globalização: do pensamento único á consciência universal* (2000) do autor Milton Santos. De forma mais específica, procuramos discutir sobre os limites e as possibilidades desta outra globalização anunciada por este autor. Para isto, utilizamos outros autores que abordam este conceito onde fundamentarmos nossas críticas. Compreendemos então que este conceito ainda se encontra em debate, proporcionando diversas interpretações. No entanto, observamos que existe uma coerência de pensamento entre os autores, ao identificar a atual globalização como um processo que se afirma a partir da contradição e da exclusão social. Existem algumas divergências dos autores pesquisados em relação ao pensamento de Milton Santos, quanto os limites e as possibilidades de uma outra forma de globalização. Neste aspecto, as categorias de análise território e lugar iram adquirir destaque nos discursos desses autores e do próprio Milton Santos, para a compreensão desta atual realidade.

Palavras-chave: Geografia; Conceito de globalização; Globalização e Milton Santos.

Sumário

Introdução	08
1. Trajetória Milton Santos	09
2. O autor e sua obra	13
3. O autor e a temática da globalização	15
4. Abordagem metodológica	18
Capítulo 1. A globalização em perspectiva	20
Capítulo 2. <i>Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal</i>: uma visão geral da obra	27
Capítulo 3. Aportes teóricos e conceituais e a perspectiva da transição: limites e possibilidades de uma “outra” globalização	34
1. O lugar e a identidade	34
2. O espaço	38
3. As técnicas e a tecnologia	41
4. Estado, empresas, competitividade e economia	46
5. Globalização e cidadania	51
6. Globalização, ideologia e o ser	54
7. Limites e possibilidades de uma <i>outra</i> globalização	59
Capítulo 4. Considerações finais	65
Bibliografia	67

Introdução

O mundo vai adquirir uma nova dinâmica e organização a partir da segunda metade do século XX. Isto se deve, sobretudo, ao desenvolvimento dos meios técnicos, dos meios de informação e da ciência. Como resultado, o espaço mundial ganha conformações e significados diferentes. Este fato pode ser constatado através da grande produção de materialidades e na intensidade dos fluxos que se estabelecem tanto em escalas locais como globais.

São colocados como os principais atores e propagadores desse desenvolvimento a iniciativa privada aliada a política dos estados nacionais. De qualquer forma, é evidente a produção de um conjunto de materialidades que recobre quase que o mundo por inteiro. São terminais bancários, aeroportos, empresas transnacionais, redes de comunicação, antenas de recepção e transmissão, etc. É exatamente toda essa estrutura que vai dar suporte técnico ao atual processo de globalização.

Postulada por muitos como uma necessidade, a globalização é colocada como o resultado dessa “crescente” integração dos lugares e das pessoas. Ela vai ser presente no discurso de quase todas as esferas sociais, seja ela política, econômica ou cultural. Transforma-se em finalidade para praticamente todas as ações que envolvem desde a realidade local a um âmbito de referência mundial.

É nesse sentido que, de uma forma crítica, a busca da análise desse processo poderá esclarecer a que se presta o atual processo de globalização, qual o seu sentido e que implicações à vida social ele traz. E uma das formas para que esta análise seja realizada é compreender a produção teórica - ainda que parcialmente - referente ao assunto. Nesse intuito selecionamos, para fins de análise e problematização, a obra do geógrafo Milton Santos, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000), que reputamos bastante importante no âmbito de uma produção acadêmica diversificada em torno do assunto, conquanto também seja representativa de um pensamento que se pretende crítico. Cumpre esclarecer, contudo, que embora façamos um recorte nesta obra, uma vez que esta pesquisa se propõe a analisar a concepção do autor sobre a globalização, nossa empreitada envolverá, evidentemente, o aporte de outras fontes devotadas ao tema, como também o uso de outras publicações do autor.

1. A Trajetória de Milton Santos

Para que possamos analisar e compreender esta obra, se faz necessário um retorno ao autor e sua história. É preciso situá-lo em seu tempo e em seu contexto social. Ainda mais pertinente é entender como se deu sua formação intelectual e política, assim como certos aspectos da realidade de sua própria vida. Acreditamos que é por este percurso que poderemos fazer, de forma segura e coesa, inferências à sua obra, seu estilo literário e a sua teoria.

Filho de Adalgisa Umbelina de Almeida Santos e Francisco Irineu dos Santos, Milton Almeida dos Santos nasceu na cidade de Brotas de Macaúbas, Chapada Diamantina, interior da Bahia, no dia 3 de maio de 1926. Neste momento o Brasil passava por grande agitação política e social devido a impopularidade do então Presidente da República Arthur da Silva Bernardes e a eleição de Washington Luís. Este período, de 1925 a 1927, foi marcado pelo movimento político-militar caracterizado como Coluna Prestes, como nos apresenta Maria Auxiliadora da Silva (2002) (1).

A mesma autora nos conta que Milton Santos fez seu curso primário em Alcobaça, sul do estado da Bahia, tendo seus pais como professores. Aos 10 anos foi admitido no Instituto Baiano de Ensino, tradicional colégio de Salvador. Aos 13 anos já lecionava no mesmo instituto. O mundo passava por momentos críticos neste período. Em 1939 estabelecia-se a 2ª Guerra Mundial, o que traria uma nova organização nas instâncias política e econômica, logo também geográfica. É diante desse contexto que em 1941, aos 15 anos, Milton Santos passou a lecionar Geografia.

Em 1944, anos finais da 2ª Guerra, aos 18 anos, Milton Santos prestou vestibular para Direito em Salvador. Mostrou-se um estudante atuante na militância política de esquerda. Criou o Partido Estudantil Popular (PEP) e a Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas (ABES). Chegou a ser candidato à presidência da UNE (União Nacional dos Estudantes), mas foi aconselhado a atuar como vice, abandonando a presidência devido ao argumento de que um negro teria dificuldades nas relações com as autoridades. É nessa época que conhece Simões Filho, ex-ministro da educação no Brasil e dono do jornal *A Tarde*, que o convida para

(1) Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

trabalhar na redação do jornal assim que terminasse a Faculdade. Era uma época movimentada, com o fim do regime político do Estado Novo e da 2ª Guerra Mundial, como nos relata Silva (2002).

Depois de formado, Milton Santos passa a lecionar Geografia no segundo grau do ICEIA (Instituto Central de Educação Isaias Alves) e do Colégio Central. Com a tese *Povoamento da Bahia* passa a ocupar, como catedrático, a cadeira de Geografia Humana do Ginásio Municipal de Ilhéus. É nesta mesma cidade que escreve artigos de grande importância para o jornal e onde publica o livro *A Zona do Cacau*. Neste mesmo momento é que começa a se interessar pela AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros), após uma das viagens ao Rio de Janeiro para curso de férias promovido pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), onde conhece o geógrafo Aroldo de Azevedo e outros grandes nomes da Geografia da época.

Até então ocupava o cargo de editorialista do jornal *A Tarde* e de professor da Faculdade Católica de Filosofia. Durante o tempo em que permaneceu neste jornal escreve 116 artigos enfocando a zona do cacau, a cidade do Salvador, a Europa, a África e Cuba e outros temas locais e globais.

Em 1956 o Brasil, sob o governo de Juscelino Kubitschek, entrava em uma política caracterizada como desenvolvimentista. O Estado preconizava ações que trariam mudanças econômicas e sociais. Foi um momento marcado pelo estabelecimento de empresas estrangeiras no país, assim como o incentivo à importação e ao consumismo. A economia, principalmente a norte americana, se integrava ao circuito comercial e financeiro brasileiro.

Paralelamente, a Geografia brasileira tomava novos rumos. E foi nesse momento que Milton Santos passa a ter contato com grandes geógrafos, tais como Orlando Ribeiro, de Portugal, Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines, Pierre Birot, André Cailleux e Jean Tricart. Este último o convida para um curso de Doutorado no Instituto de Geografia da Universidade de Strasbourg. Após algum tempo residindo na Europa, Milton Santos parte posteriormente para a África. Somente em 1958 que o autor regressa a Bahia, após defendida a tese de doutorado intitulada *O Centro da Cidade do Salvador*.

A partir de 1959, com a criação do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, os estudos geográficos vão adquirir grande desenvolvimento. Vale dizer ainda que coube a Milton Santos a organização do IV Colóquio Internacional Luso-Brasileiro, patrocinado pela Universidade da Bahia e pela UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*). A ciência geográfica passa a ter um destaque importante no Brasil desde então. Como resultado disso é que entre 1958 e 1964 foram mais de 60 publicações de professores, tanto brasileiros como estrangeiros (SILVA, 2002).

Já em 1960, esclarese a autora, após ter recorrido à justiça, devido a motivos burocráticos vinculados à política local, Milton Santos com a tese *Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia* é concursado como livre docente da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Milton Santos foi eleito presidente da AGB em 1963, mesmo diante de preconceitos quanto à sua candidatura no ano anterior, tendo aqui recebido o apoio e a defesa de Caio Prado Júnior.

Em 1964 o Brasil se via sob o domínio da ditadura militar. O Golpe de 64 levaria o país a passar por um período difícil na sua história, que se estenderia até 1985. A ditadura militar só viria a se extinguir com a eleição de Tancredo Neves. No plano internacional Estados Unidos e ex-União Soviética se encontravam sob o período de distensão – acordos eram realizados para equilibrar e evitar o conflito entre as duas potências, período este denominado de Guerra Fria. Mas é também neste momento que em Jequié, no estado da Bahia, AGB operava sob a presidência de Milton Santos.

Saliente-se que sua colaboração não se restringe somente ao desenvolvimento da Geografia, mas também teve grande influência na política brasileira. Durante nove meses chegou a ser subchefe da casa civil na Bahia, no governo do então presidente Jânio Quadros. Posteriormente foi presidente da Comissão de Planejamento Econômico (CPE) (SILVA, 2002).

É neste mesmo ano de 1964 que Milton Santos era preso pelos militares. Mas, por causa de um início de derrame, foi submetido a cuidados médicos e, posteriormente, libertado. Em dezembro resolve deixar o Brasil.

Tendo a França como país de acolhida, Milton Santos trabalhou em diversas universidades, tais como Toulouse (1964-1967), Bourdeaux (1967-1968) e de Paris (1968-1971). Este momento foi utilizado por Milton Santos para viver de maneira itinerante e como professor convidado. Já entre os anos de 1972-76 atuou em diversos centros universitários da América do Norte, da América Latina e da África, segundo Wagner Ribeiro (2002) (2).

Seu retorno ao Brasil ocorre devido a gravidez de sua segunda esposa, Marie Hélene Santos. Seria um desejo de Milton que seu segundo filho, Rafael dos Santos, viesse a nascer na Bahia, assim como seu primeiro filho Milton Santos Filho. É em 1978 que Milton Santos estaria de volta à vida universitária brasileira. De acordo com Ribeiro (2002), Milton trazia em mãos uma de suas principais obras, *Por uma geografia nova*, que marcaria a formação dos geógrafos brasileiros, principalmente os que se ligavam aos à crítica social e aos fundamentos marxistas. Este livro alcançou repercussão no mundo inteiro, sendo traduzido em vários idiomas, em diversos países. O objetivo maior deste trabalho era a busca de uma geografia direcionada para as questões sociais.

Entre 1978 e 1982, como esclarece Ribeiro (2002), Milton Santos passa a trabalhar como professor visitante na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), atuando também como professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1983 vai para o Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O coroamento do seu excepcional trabalho nesta instituição vem com o *Vautrin Lud*, em 1994, um prêmio de tamanha importância e reconhecimento no âmbito da Geografia que chega a ser considerado uma espécie de Prêmio Nobel da Geografia. Tal fato deu a Milton Santos um destaque ainda maior entre os geógrafos brasileiros e estrangeiros, conquanto também no meio intelectual mais geral, sobretudo na arena das humanidades, recebendo muitos convites para participar de entrevistas, depoimentos à imprensa, programas de televisão etc. Indubitavelmente, Milton Santos tornou-se a principal referência na geografia brasileira nestes tempos, e uma das mais importantes no cenário internacional.

(2) Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

Após o ano de 1994, Milton Santos recebeu várias premiações como reconhecimento de seu trabalho dentro da Geografia e áreas afins. Estas homenagens e congratulações são descritas por Ribeiro (2002) contando-nos que Milton Santos além de várias outras premiações recebeu a de: Mérito Tecnológico pelo Sindicato de Engenheiros do Estado de São Paulo (1995), Personalidade do Ano pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (1997), 11ª Medalha Chico Mendes de Resistência pelo Grupo Tortura Nunca Mais (1999), O Brasileiro do Século pela revista Isto é (1999) e Multicultural 2000 Estadão pelo jornal Estado de S. Paulo (2000) e Multicultural 2000 Estadão no Brasil. Já no exterior foram: Medalha de Mérito pela Universidad de La Habana em Cuba (1994) e o prêmio UNESCO, categoria ciência oferecido pelas Organizações da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2000).

2. O autor e sua obra

Milton Santos terá uma preocupação com vários temas dentro da Geografia, mas sempre os explorando de forma crítica. Sua produção basicamente passa por duas fases. Inicialmente, como o próprio autor esclarece, terá uma preocupação com os “estudos empíricos, isto é, tentar descrever simplesmente o que era a realidade territorial e social aqui e alí, na Bahia, sobretudo, mas também no Brasil e fora do Brasil.”(3). Posteriormente serão os estudos teóricos e epistemológicos da Geografia é que irão lhe designar maiores interesses, como ele próprio esclarece na entrevista concedida à Gilberto Gil.

Referente a tais estudos do autor é que Denise Elias (2002) (4) irá defini-los em dois aspectos. O primeiro é caracterizado como empírico, tendo como preocupação a categoria de lugar. No que diz respeito aos seus desenvolvimentos teóricos, é o conceito de espaço que ganhará relevância no seu pensamento.

(3) “Um encontro: Gilberto Gil e o Professor Milton Santos”, entrevista realizada no dia 01 de setembro de 1996. Disponível em: < <http://www.gilbertogil.com.br/> >. Acesso em: 03 de abril de 2008.

(4) Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> >. Acesso em: 06 mar. 2008.

Estabelecendo uma relação com a análise do território, o espaço compreendido de forma empírica, irá demonstrar as contradições que neles são estabelecidas. A partir dessa busca da compreensão da realidade territorial é que surgirão as análises dos aspectos sociais da desigualdade e suas consequências no espaço. Como resultado disso irão ser realizados estudos referentes à estrutura interna da cidade. É neste ponto que o conceito de lugar ganha relevância nos estudos de Milton Santos. Neste sentido o processo de urbanização e a formação da rede urbana, nos países do chamado Terceiro Mundo, serão enfocados. Resultado desses trabalhos serão as obras: *A Cidade nos Países Subdesenvolvidos* (1965); *O Trabalho do Geógrafo do Terceiro Mundo* (1971); *Geografía y Economía Urbanas en los Países Subdesarrollados* (1973); *Pobreza Urbana* (1978); *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana* (1978); *Economia Espacial: críticas e alternativas* (1978); *Espaço e Sociedade* (1979); *A Urbanização Desigual* (1980); *Manual de Geografia Urbana* (1981) e *Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana* (1982) (Elias, 2002).

Outra temática abordada pelo autor será a epistemologia do espaço, uma de suas grandes preocupações nos estudos geográficos. Segundo ELIAS (2002), Milton Santos vai buscar uma compreensão da idéia de totalidade, assim como compreender a história e seu desenvolvimento a partir da Segunda Guerra Mundial.

De grande relevância também serão os estudos referentes a formação social em relação a produção do espaço. Preocupado com as mudanças socioespaciais em curso, na perspectiva de uma teorização renovada e crítica, é que o autor vai elaborar aquele que é considerado um de seus textos mais importantes, *Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método*, será publicado pelo Boletim Paulista de Geografia em 1977. É nesta publicação que a concepção de espaço começa a ter um significado expressivo para a Geografia. A fundamentação e discussão deste conceito vai se definindo em suas obras posteriores: *Por uma Geografia Nova* (1978); *Pensando o Espaço do Homem* (1979); *Espaço e Método* (1985); *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988); *Técnica, Espaço e Tempo* (1994) e *A Natureza do Espaço* (1996).

O Brasil e as cidades também foram um ponto de destaque nas pesquisas e obras. A realidade baiana e o Estado de São Paulo, com sua metrópole, foram suas bases de análise. É daí que se concretizam as obras: *São Paulo: metrópole corporativa fragmentada* (1990); *Por uma Economia Política da Cidade* (1994); *A Urbanização Brasileira* (1993) e *Brasil: sociedade e território no início do século XXI* (2001).

E, por fim, no ideal de uma construção de um novo mundo baseado numa nova concepção de cidadania e de valores, Milton Santos escreve *O Espaço do Cidadão* (1987) e *Por uma outra globalização* (2000) (Elias, 2002). Este último vem nos falar de questões complexas que envolvem questões tanto de referencia à escala local como global. Por outro lado, irá transparecer características de um pensamento objetivo e crítico.

3. O autor e a temática da globalização

De acordo com as referências bibliográficas consultadas, pudemos constatar que Milton Santos explorou diversas temáticas dentro da Geografia. É devido à sua posição, como intelectual e geógrafo, que optamos por analisar sua produção referente à globalização. Sua contribuição nessa temática vai muito além de uma simples leitura do atual processo. As correlações feitas a outros campos de análise nos deixam frente a inquietações que se enviesam por vários caminhos, levando-nos a questionar a realidade de forma dialética. Isso irá fazer de Milton Santos não apenas um cientista teórico da Geografia, conquanto seu pensamento irá colocá-lo como um intelectual situado no seu tempo e preocupado com a realidade presente, propugnando uma geografia e uma história do presente, valorizando o papel desempenhado pelas técnicas nas relações sociais e na formação e qualificação do espaço.

Por apresentar essa preocupação com a realidade, Milton Santos vai se destacar pela sua postura de um intelectual influente. Vale ressaltar que Marcos Bernardino de Carvalho (2002) (5) coloca Milton Santos como um dos poucos “pensadores, que por suas atividades, suas reflexões e pelos textos que produziu, adquiriu o direito de ser promovido a filósofo do nosso tempo.” Prossegue ainda ressaltando, como

(5) Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

características marcantes desse pensador, a sua “rara condição” de “intelectual verdadeiro” junto a suas “posturas indignadas”, que pode ser observado através de sua história e de sua produção.

Por esse compromisso com o presente e essa preocupação com o futuro é que consideramos essencial sua posição diante do debate do processo de globalização. Além de demonstrar como o atual processo foi se estabelecendo, Milton Santos vai delinear os meios pelos quais ele foi se apropriando das técnicas, produções materiais e dos discursos. A obra *Por uma outra globalização*, ganha sua expressão maior na medida em que sugere uma alternativa para que se estabeleça um outro mundo, com outras relações entre o homem e o meio, com base em uma outra globalização, que ele qualifica como uma globalização de caráter solidário.

Nessa perspectiva Elias (2002) salienta que o livro vai colocar em debate as origens do processo de globalização, suas implicações nos territórios e nas sociedades, e vai oferecer um prenúncio de um futuro esperançoso. Além de esclarecer que é um processo que globaliza “a taxa de lucro, a exploração, a miséria, a exclusão social,” também são globalizadas “as lutas sociais, os ideais contra a globalização, o conhecimento e a vontade de mudar o mundo.” O futuro então é idealizado por Milton Santos como um período em que a cultura popular irá se destacar. O cotidiano é que vai oferecer a base para esse campo de conflitos. Diante disso é que surgiram novos caminhos, dos quais o estudo empírico da totalidade é o que irá dar suporte à análise.

Desse modo, pode-se observar que Milton Santos não apenas demonstra como se produz a atual globalização, como também aponta caminhos para que, dentro desse processo, se construa uma nova forma de compreender o espaço, seja ele local ou global.

Para que essa forma de análise do espaço seja realizada, Milton Santos buscou estudar o fenômeno de forma dialética. É diante desse aspecto que o debate sobre a visão de globalização ganha um discurso diferenciado, suscitando a emergência de várias temáticas em torno do assunto. O território aparecerá como fragmentado pela ação dos atores hegemônicos; a cidadania será colocada como uma necessidade desenvolvida localmente; e a ideologia ganha destaque, em sua visão, a partir da produção e discursos.

A busca pela necessidade de uma identidade local irá abrir caminhos para uma discussão política de cunho global. É nesse ponto que Milton Santos resgata também o conceito de solidariedade, como ressalta Ribeiro (2002). Para o autor, sua obra é precisa na leitura do atual processo que se apresenta, indo, contudo, mais além, à medida que propõe uma outra globalização que seja baseada na solidariedade. Tais afirmações vêm de encontro ao que queremos ao ressaltar que Milton Santos é um autor que vem contribuir de forma expressiva e crítica ao trabalhar com o fenômeno da globalização.

Coaduna-se com essas reflexões Délio Mendes (2001) (6) quando ressalta que Milton Santos irá nos chamar a atenção para o fato de que vivemos em um mundo complexo e de difícil percepção. O território e suas projeções perversas serão a face de uma relação homem-meio sensivelmente perturbada. Descartando as teorias mecanicistas, Milton Santos irá estabelecer através da história e da sociedade, os impasses que irão fazer da vida de milhares de pessoas algo sub-humano, como a pobreza e a miséria presentes no mundo inteiro. A tirania exercida pelo dinheiro e pela informação vão ser a base de sustentação desse sistema.

Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal vai se caracterizar como uma obra que conquistou grande repercussão no meio acadêmico. Trata-se, indubitavelmente, de uma produção teórica que reflete a globalização de uma forma singular, à medida que demonstra uma preocupação não só quanto à teorização do fenômeno, mas também de modo a indicar os caminhos para se construir um futuro promissor, sob uma outra forma de globalização, de caráter mais solidário, com recursos proporcionados pela própria globalização atual.

Daí a necessidade de se compreender melhor o pensamento deste autor sobre o processo de globalização - o qual ganhou repercussões não só nos meios acadêmicos, como também em diversas outras arenas do saber - como, por exemplo, a imprensa - é que o foco fundamental desta pesquisa se projeta sobre a análise da obra *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, do ano de 2000.

(6) Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

4. Abordagem Metodológica

Tomaremos o fenômeno da globalização enquanto um processo histórico deflagrado fundamentalmente na esteira da dinâmica evolutiva do capitalismo, a modelar a conformação do mundo em suas diversas instâncias (política, econômica, cultural, espacial, etc.) e escalas (local, regional, mundial), buscando apreender seus fundamentos e desenvolvimento. Daremos, contudo, maior ênfase ao período atual de sua realização, o denominado “período técnico-científico-informacional”.

Este começou a se esboçar no final da Segunda Guerra Mundial (SANTOS, 1992 *apud* F. Alvarez, 1970, 1971, p.27) com o advento da industrialização e do capitalismo sustentado pelos grandes conglomerados empresariais. Para Santos (1992) este período será caracterizado pelo advento das grandes industriais e do capitalismo aliado às grandes corporações. Mas, segundo o autor, não só as indústrias como o próprio sistema capitalista, a partir deste momento, contará com um diferencial que vai definir o surgimento de outro período singular no transcorrer de nossa história social e econômica: os meios de comunicação e a tecnologia – distribuídos praticamente por quase toda a face terrestre. A tecnologia ganhará um papel de destaque nesse aspecto, a qual, articulada a outras variáveis, responderá, em grande medida, pelo desenvolvimento operacional, evolução e difusão do sistema.

O mundo a partir da Segunda Guerra Mundial vai ganhar uma nova configuração. Este foi um momento de grandes transformações políticas, sociais e principalmente econômicas. “Os anos dourados” foi a denominação que Eric Hobsbawm (1995) conferiu a este momento. Fica bem claro para este autor que houve grandes expansões de indústrias por todo o mundo, tanto em países capitalistas, socialistas, como também em países do chamado Terceiro Mundo (HOBSBAWM, 1995, p.256-257).

A compreensão dessa nova formação do espaço mundial é que irá contribuir ao entendimento da realidade presente, da qual o processo de internacionalização torna-se evidente. É nesse percurso que estaremos explorando também as conceituações e interpretações de outros autores sobre a globalização. Cumpre esclarecer que não se pretende aqui fazer uma espécie de inventário sobre a produção em torno deste tema, sabidamente ampla e diversificada, mas sim enriquecer a análise em torno da

globalização, trazendo à tona contribuições de outros autores, que entendemos serem relevantes ao debate.

Assim, partiremos inicialmente de uma caracterização geral do processo de formação da globalização para, em seguida, apresentar as concepções de tais autores sobre o fenômeno, proporcionando-nos, desse modo, um suporte teórico para uma discussão crítica sobre a obra que pretendemos analisar.

Em um segundo momento este estudo se voltará para as concepções de globalização expressas no livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* de Milton Santos (2000), além de outras compreensões de outras obras deste autor. Aqui poderemos identificar qual a concepção específica deste autor sobre a globalização.

Tudo isso nos fornecerá uma base conceitual para realizarmos posteriormente nossas inferências críticas sobre esta obra e as perspectivas do autor em torno da globalização, mais propriamente quanto os limites e às possibilidades de uma *outra* forma de globalização, que ele compreende como de caráter mais solidário.

Capítulo 1 - A globalização em perspectiva

Ao nos depararmos com inúmeras conceituações do próprio termo globalização, observamos que há também uma grande diversidade de explicações a respeito do seu processo de formação. Alguns dizem que é no colonialismo que ele se apresenta. Outros discordam, alegando que é só com o fim da Guerra Fria que se pode falar de processos globais. Mas, independente disso, é unânime a aceitação de que conseqüências negativas são proporcionadas por este fenômeno, como esclarece Liszt Vieira (1997, p.69-72).

Contudo, o mesmo autor ressalta que é através da internacionalização da economia - que vem se desenvolvendo sem interrupção desde a Segunda Guerra Mundial - que o processo de globalização deve ser entendido. A internacionalização da economia mundial deve ser entendida a partir do momento em que a produção conjunta dos países é ultrapassada pelo crescimento do comércio e do investimento internacional, que ficam mais rápidos. Isso proporcionou ao sistema capitalista os meios para que se realizasse a incorporação de áreas e nações colocando o mundo dentro de uma dinâmica reprodutiva, das quais as condições de existência das sociedades se fizeram reféns (VIEIRA, 1997, p.76-77).

Octávio Ianni (1997, p.47) vem nos falar que a internacionalização está sustentada no que ele chama de “fábrica global”, onde o mundo participa concomitantemente da produção como se fosse uma imensa empresa, ao que ele denomina de “*shopping center global*”. Nessa perspectiva Vieira (1997, p.77) complementa que:

A pré-história da globalização situa-se na década de 60, quando as áreas periféricas da economia mundial começaram a ser sacudidas pela expansão da empresa transacional, pela ‘nova divisão internacional do trabalho’, os empréstimos bancários “baratos” do mercado do eurodólar e o *boom* petrolífero mundial. Na década de 80, após a grande crise de meados dos 70/80, inicia-se uma nova história: o mundo industrial é sacudido por uma profunda reestruturação capitalista, sustentada tecnicamente na revolução informática especial e das comunicações, tornando possível a descentralização espacial dos processos produtivos. A nova tecnologia influi em todos os campos da vida econômica e

revoluciona o sistema financeiro, pela conexão eletrônica dos distintos mercados.

Podemos compreender, com base nas palavras destes autores, que são os meios informacionais é que irão dar suporte para essa globalização. Portanto, seriam os meios de comunicação que estariam dando as diretrizes para as ações que caracterizam a conformação de uma fase - a atual fase - da globalização.

É neste aspecto que podemos compreender que o início da globalização se deu a partir da década de 60 do século passado (VIEIRA, 1997, p.77). Esse momento foi caracterizado pela ação expansão das empresas transnacionais em lugares considerados periféricos. Contudo, esclarece o autor, esse período compreende aquele em vai ocorrer uma nova divisão internacional do trabalho, em que as condições de créditos bancários tornam-se bastante acessíveis e o petróleo ganha destaque na produção mundial. E a partir da década de 80 é que a indústria vai se deparar com uma nova estruturação capitalista. Os meios de informação, aliados ao desenvolvimento tecnológico, são os fatores essenciais para que a produção torne-se descentralizada. O mundo vai adquirir novas formas de se trabalhar econômica e financeiramente.

Serão as “flexibilizações” da produção que irão compor esse novo processo da globalização, como esclarece Georges Benko (2002). Este autor ressalta que a “... introdução de técnicas de produção flexíveis, assim como de uma variedade de novos produtos”, é o que irá abrir os caminhos a essa “reorganização do processo de produção global” (BENKO, 2002, p. 29). Agora um produto não dependerá mais de seu centro de produção. Os espaços de produção tornam-se transnacionais com as mesmas qualidades e especificidades de seu país de origem.

Segundo Vieira (1997, p.77) o processo de flexibilização ainda será “complementado pelas privatizações”, “desregulamentação dos mercados, agudização da concorrência internacional entre capitais privados e capitalismo nacionais”. Diante disso, o autor destaca que podemos observar que alguns fenômenos começam a dar sinais com o aceleração da internacionalização econômica, tais como a unificação dos mercados financeiros internacionais e nacionais, acelerada regionalização do espaço econômico mundial, generalização de

associações entre corporações transnacionais e a necessidade de coordenação das principais políticas econômicas nacionais.

Como resultado desses fenômenos é que essa nova configuração espacial da economia mundial vai ser caracterizada como globalização. Dois fenômenos ainda farão parte desse processo no final da década de 80: a queda do socialismo de Estado na ex-URSS e no Leste europeu, e o aniquilamento dos nacionalismos corporativos do Terceiro Mundo (VIEIRA, 1997, p.77-78). A isso, ressalta o autor, são atrelados os processos liberais de comercialização e financeirização, estabilização das relações financeiras e comerciais, além da emergência de programas para a superação da dívida e as privatizações das empresas estatais em geral (VIEIRA, 1997, p.78). É diante desse cenário que os autores vão discorrer quanto às possibilidades de análise desse atual processo de globalização.

Nesse sentido Vieira (1997, p.73-74) compreenderá a globalização como sendo uma nova forma de se configurar espacialmente a economia do mundo. Ela envolve tanto antigos elementos de internacionalização e integração, como também os novos. Observa ainda que ela cumpre um papel de difusora de padrões num âmbito transnacional de organização, que se apóia nos aspectos econômicos, sociais, da própria vida e do pensamento. Para o autor, isso se dá como o resultado do embate causado pela competitividade presente nas relações de mercado, nas relações políticas e administrativas. Esse conflito também irá abarcar as áreas de influência dos meios de comunicação e a própria conjuntura e impasses colocados pelas condições de produção e o intercâmbio comercial.

Nesta concepção, Vieira (1997, p.69-72) assinala que, de um lado, existem aqueles que a classificam como um processo inevitável, e os que assumem esta postura alegam que ela seria o resultado de uma concepção ideológica, imposta por alguns países em acordo com organizações de influência internacional, como é o caso do Banco Mundial. E o verdadeiro motivo disso estaria na subordinação desses países para com as grandes empresas. De outro, aqueles que irão enxergá-la como um processo homogeneizador, que vai de encontro com a diversidade das culturas mundiais – homogeneização, diga-se de passagem, com a qual Milton Santos não converge.

Vieira (1997, p.69-72) também destaca a existência daqueles que pensam a globalização como um processo que não afeta a diversidade estabelecida mundialmente. Estes aceitam que ela possa oferecer margem de liberdade de coexistência da heterogeneidade e das pluralidades culturais existentes em nosso planeta. Mas, por outra perspectiva, é vista também como um fenômeno econômico do qual necessita ser combatido, pois compromete os países em que a pobreza e a fase de desenvolvimento são presentes. A globalização é entendida, por outro lado, como algo que deturpa a solidariedade social nas diversas escalas de nosso planeta. Mesmo diante de todas essas interpretações referentes aos processos de globalização, há um consenso entre todos eles na evidência de que ela transformou as noções de tempo e espaço. Os avanços tecnológicos, principalmente aqueles ligados aos meios de informação, é que irão causar isto.

Para Demétrio Magnoli (1997, p.5) “... a globalização é um fenômeno tão antigo quanto os Estados e que o seu desenvolvimento está associado às políticas definidas por eles”. Nesse sentido o autor propõe que: “A globalização não tem quatro ou cinco anos, mas quatrocentos ou quinhentos. A geografia política do mundo no qual vivemos é fruto desse processo (MAGNOLI, 1997, p.7)”. Portanto, define que a

Globalização é o processo pelo qual o espaço mundial adquire unidade. O ponto de partida desse movimento remonta às Grandes navegações européias do século XV e XVI, que conferiram unidade à aventura histórica dos povos e configuraram, na consciência dos homens, pela primeira vez, a imagem geográfica do planeta (MAGNOLI, 1997, p.6- 7).

O autor prossegue seu raciocínio colocando que a “[...] edificação de blocos regionais representa uma estratégia dos Estados direcionada para a inserção das suas economias na economia-mundo (MAGNOLI, 1997, p.5)”. Em função disso, este autor expressa que a globalização será um fenômeno que terá atuação no “[...] espaço herdado de tempos passados, modificando-o e remodelando-o em função das novas necessidades”, e que seria através dos “[...] fluxos globais de mercadoria, capitais e informação” que uma nova organização espacial toma corpo (MAGNOLI, 1997, p. 6).

Para Octavio Ianni (2002, p.7) a globalização é algo que vai afetar o mundo como um todo. Diz respeito a tudo que se coloque como “internacional,

multinacional, transnacional, mundial e planetário”. Afeta também tanto a vida social como as produções intelectuais. Está presente nos debates em torno dos temas do “capitalismo, socialismo, Ocidente, Oriente, islamismo, cristianismo, modernidade e pós-modernidade”. Outro aspecto que o autor irá ressaltar é que a globalização irá trazer uma nova apreensão da realidade. Para ele as ciências sociais estão diante de um impasse, de modo que terão que se preparar para reabrir uma nova discussão, abordando vários campos de análise, em que a preocupação maior se dará nas particularidades em relação com as generalidades, como, por exemplo, “indivíduos e sociedade, modos de vida e formas de cultura, etnia e minoria, reforma e revolução, tirania e democracia (IANNI, 2002, p.7)”.

Nesta perspectiva percebemos que o autor vê o processo de globalização como algo em aberto, que pode oferecer alternativas para que reflitamos e possamos agir diante da nossa realidade. Assim, Ianni (2002, p.23-24) destaca que a globalização vai se apresentar como algo que irá proporcionar a desigualdade e a contradição. Acredita ser um processo histórico em que as questões econômicas e ideológicas se fazem presentes, promovendo a incorporação e reincorporação de alguns espaços em função de uma lógica geopolítica capitalista. Ele define a globalização como algo inacabado, que ainda se encontra em vias de realização. Apesar dela se deparar com certas barreiras, revela-se como um processo que se torna cada vez mais generalizado. Identifica, assim, que a globalização afirma-se como uma tendência, sendo ela um processo histórico-social, econômico, político e cultural, que se amplia contraditoriamente.

Boaventura de Souza Santos (2002, p.27), por sua vez, entende a globalização como um “[...] campo de conflitos entre grupos, sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro”. Mostra-se mais enfático quando ressalta que a globalização, como nos é apresentada, é simplesmente uma de suas formas, isto é, a “globalização neoliberal” (SANTOS, 2002, p.31). Esta adquirirá uma forma hegemônica e dominante, pois assume dentro do capitalismo um novo regime de acumulação de capital, mostrando-se disseminado globalmente. O capital, segundo o autor, busca se dessocializar. Isto significa que em tempos passados o capital possuía uma confluência tanto com os propósitos sociais quanto políticos. Segundo o autor, isto garantia uma participação

econômica por parte da sociedade. Com a globalização neoliberal, as políticas que visam um compromisso social de distribuição tendem a não mais garantir esse compromisso. Seria, portanto, este lastro social e político do capital que, em tempos passados, conferia, de certa maneira, a sua distribuição social. Esta globalização neoliberal colocará a sociedade à mercê da valoração, disseminando-se a idéia de que só se pode existir organização social perante uma dinâmica de mercado (SOUSA SANTOS, 2002, p.14).

Anthony Giddens (1990 *apud* VIEIRA, 1997, p.73), por sua vez, entende que a globalização se define pela “[...] intensificação de relações sociais em escala mundial, que ligam localidades de tal maneira, que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”.

Rogério Haesbaert (2002, p.14) - que irá analisar esse processo através da categoria território - parece concordar com a linha de pensamento que coloca os atores hegemônicos como articuladores de uma ação geopolítica global. É através das grandes corporações que esta nova ordem mundial se impõe. Mas, ao mesmo tempo, demonstra certa prudência ao se expressar sobre a questão em si. O autor destaca que a chamada “era global” está carregada de incertezas e imprevisibilidades. Isto fica evidente até mesmo na incorporação desses princípios (incerteza, complexidade) no bojo das correntes teóricas que se apresentam (HAESBAERT, 2002, p. 168-170). O autor admite que exista uma intensa integração mundial, como também intensos fluxos que drenam o mundo de forma extremamente veloz. Esclarece que diante dessas formas de integração e fluxos, apresentam-se, concomitantemente, formas violentas de exclusão e servidão. Mas, chama a atenção para o fato de que os aportes teóricos aos quais fazemos uso ainda não estão suficientemente consolidados, vindo daí conceitos e caracterizações como pós-fordismo, pós-industrialismo e pós-modernismo.

Georges Benko (2002, p.86) também terá uma posição cautelosa sobre o assunto. Para o autor essa posição de prudência se deve ao fato de que essa integração, iniciada desde o século XVI, obteve tanto progressos como entraves – acerca deste último, cita o ocorrido na década de 80, com o desaceleramento dos investimentos diretos na economia estrangeira. Outro ponto que, para o autor, merece reflexão, diz respeito às empresas estrangeiras. Estas, mesmo atuando em economias nacionais,

ainda possuem uma presença limitada, adrede o caráter etnocêntrico acentuado que carregam para os locais onde se instalam. E, por fim, o autor acredita que o que se vê é apenas uma “[...] formação, ainda frágil e incerta, de entidades e mercados regionais (mercado único europeu, livre-troca americana) do que a uma verdadeira unificação do mercado mundial”.

Outros autores não irão se alinhar a nenhuma corrente de pensamento em específico, como é caso de Michel Wieviorka (2007, p.1150). Ele não define e nem se enquadra em nenhuma base de explicação teórica da globalização, mas ao mesmo tempo acredita que ela seja uma noção importante para se compreender alguns fenômenos ligados à cultura, a sociedade e a política, que são característicos da escala global.

Um estudo realizado por Hindenburgo Pires (2001, p.155-157) identifica as correntes de pensamento que buscam responder o que seria o atual processo de globalização. Desta maneira o autor classifica três vertentes que irão definir o que seria este fenômeno. A primeira irá identificá-la como estratégia das empresas globais. Esta visão é preconizada e conduzida por Michael E. Porter, professor da Harvard Business School; a segunda perspectiva identificará a globalização como mundialização do capital, onde se expressa principalmente a orientação de François Chesnais, economista e professor da Universidade de Paris 13; a terceira concepção é de que propõe a globalização como processo histórico antigo, apresentada por Paul Hirst, professor do Birkbeck College e Grahame Thompson, professor da Open University, na cidade de Londres.

Podemos compreender, com base no que foi dito, que existem muitas interpretações e concepções do processo atual da globalização, num cenário em que vários autores buscam, de uma perspectiva ou outra, a compreensão desse fenômeno, se posicionando e identificando variáveis contrastantes face às condições atuais em que ela se desenvolve. Mas, independentes disso, todos concordam com as contradições que esse processo trouxe tanto para o espaço quanto para a sociedade.

Capítulo 2 - *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*: uma visão geral da obra

Diante desse debate, em que a globalização aparece como um processo envolvendo diversas interpretações, é que pretendemos apresentar a interpretação de Milton Santos sobre a globalização, buscando compreender seu entendimento sobre o assunto. Mas, primeiramente, é preciso que identifiquemos algumas características do livro, relevantes para a compreensão de sua reflexão sobre o tema.

Inicialmente, vale dizer que a globalização irá ter uma conotação diferenciada nesta obra. O autor, logo no prefácio, nos apresenta a sua proposta:

Este livro quer ser uma reflexão independente sobre o nosso tempo, um pensamento sobre os seus fundamentos materiais e políticos, uma vontade de explicar os problemas e dores do mundo atual. Mas, apesar das dificuldades da era presente, quer também ser uma mensagem portadora de razões objetivas para prosseguir vivendo e lutando (SANTOS, 2000, p. 11).

Assim, pode-se observar que o autor busca através deste livro não só caracterizar o processo atual da globalização, mas pretende mostrar objetivamente os meios pelos quais este atual processo apresenta sinais de mudanças, em que a superação dos problemas, identificados por ele, possam encontrar soluções diante da realidade atual.

Além disso, destaca-se na obra a forma como são desenvolvidas suas explicações. O autor opta por abandonar as citações científicas carregadas de normas de redação científica, o que torna uma obra diferenciada dentro da sua linha de publicações. Este artifício foi utilizado, segundo Milton Santos, para facilitar uma maior abrangência da obra e seu discurso, como ele mesmo destaca:

Diferentemente de outros livros nossos, o leitor não encontrará aqui listagens copiosas de citações. Tais livros enfocavam questões da sociedade, verdadeiras teses, isto é, demonstrações sustentadas e ambiciosas, dirigidas, sobretudo, à seara acadêmica, levando, por isso, o autor a fazer, a pequeno mundo dos colegas, a concessão das bibliografias copiosas. [...] Sem dúvida, este livro também se dirige a estudiosos, mas sobretudo deseja alcançar o vasto mundo, o que dispensa a obrigação cerimonial das referências (SANTOS, 2000, p.11-12).

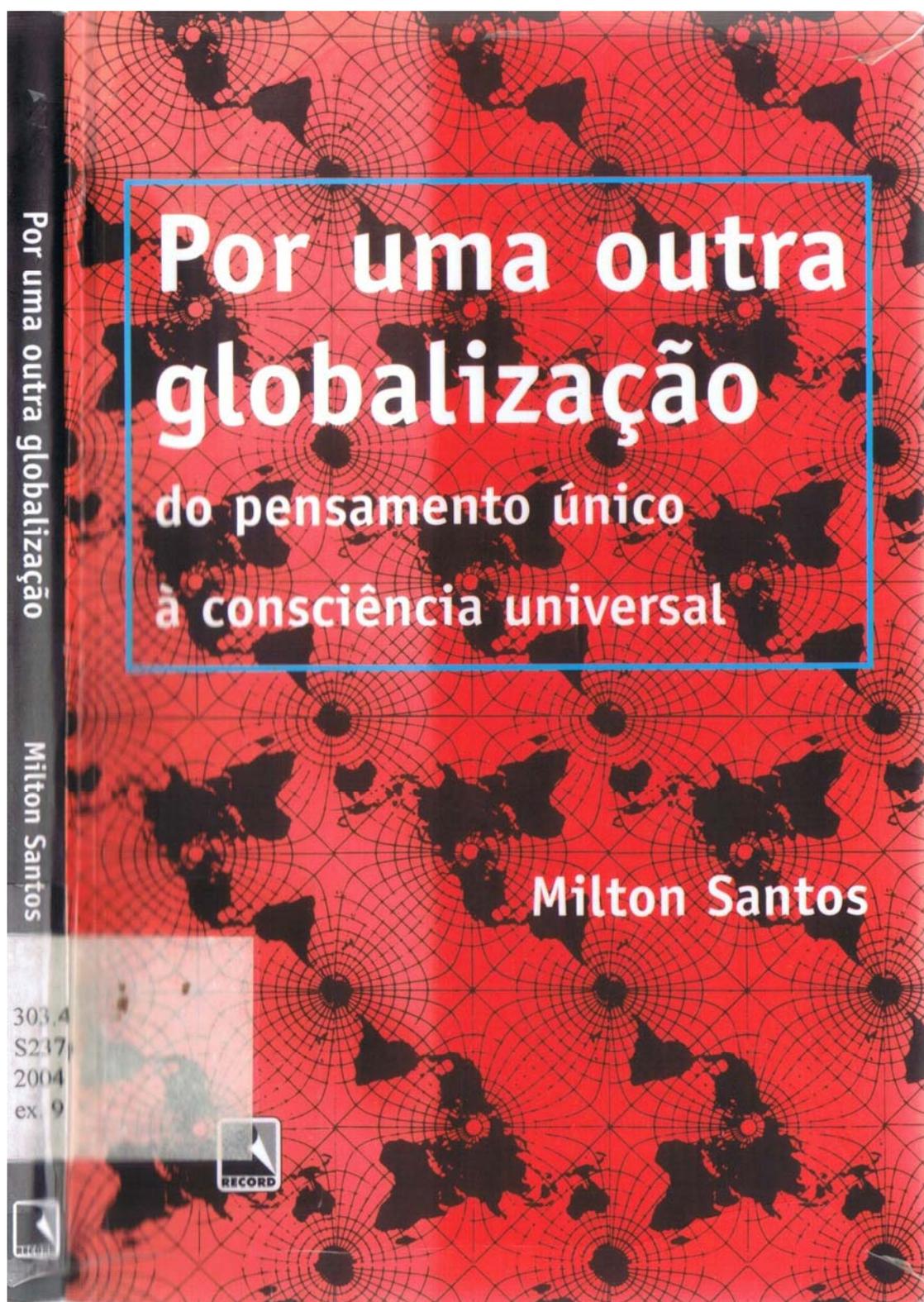
Nota-se, assim, que o autor induz uma perspectiva diferenciada na maneira de se compreender a globalização. Coloca o debate num âmbito extra-acadêmico, onde todos são chamados a estar à parte das questões apresentadas ao longo da obra. É nesse sentido que compreendemos que o pensamento de Milton Santos (2000) se faz singularmente crítico. Concordando com isso é que Ribeiro (2002) irá destacar que: “A obra de Milton Santos pertence ao grupo de intelectuais que buscam o pensamento crítico a esse estado da vida contemporânea”. O autor prossegue dizendo que ela “[...] contribuiu para precisar o fenômeno da globalização”. Numa posição mais objetiva José Luís Fiori (7) irá destacar que:

O livro apresenta duas faces: um diagnóstico das transformações contemporâneas, centrado na relação entre os espaços verticais e horizontais (dos opressores e oprimidos) e na dos territórios soberanos com o dinheiro global; e um prognóstico em que sustenta uma nova utopia global dos pobres e oprimidos.

Nesta perspectiva é que a globalização será entendida por Milton Santos (2000) como causa da produção de três mundos: o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade (SANTOS, 2000, p.17-21). Esta discussão se apresenta na primeira parte do livro, *I Introdução geral* (p.17-21).

A favor de um sistema do qual é sustentado por meio de imagens e discursos, em nome do dinheiro, é que o mundo nos é apresentado como em crescente homogeneização, onde a aceitação do tempo proporcionado pelo desenvolvimento tecnológico e científico é posto como uma necessidade. E como mecanismo de sustentação desse mundo é necessário, por parte de atores hegemônicos, a produção de fabulações. É por meio da ideologia que funciona este sistema de fabulações (SANTOS, 2000, p.18-19).

(7) Disponível em: <<http://br.geocities.com/madsonpardo/index.html>>. Acesso em: 12 maio 08.



Capa do livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000) utilizada para a pesquisa.

De acordo com o autor, a perversidade é o resultado prático dessa realidade atual que o mundo apresenta (SANTOS, 2000, p.19-20): altos níveis de pobreza e fome, desemprego e rendas médias depreciadas, ampliação de doenças e das mortes, além de corrosões nos padrões de educação e espiritualidade.

Mas existiria uma saída para esta realidade confusa e perversa, de acordo com Milton Santos (2000, p.20-21). É onde o mundo identificado como possibilidade pode se estabelecer. Este estaria em vias de realização, proporcionado pelas mesmas condições em que se faz o mundo como perversidade. Isto se daria a partir das próprias materialidades constituídas e do conhecimento concreto da realidade por parte dos excluídos, formando, assim, a consciência que daria suporte para contruir uma realidade diferente, um mundo diferente do que ele é, um mundo onde a solidariedade se faz presente.

A partir da compreensão destas faces que o mundo apresenta, é que o autor irá denominar o que seria o atual processo de globalização. E assinala que

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Pra entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política. [...] Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes (SANTOS, 2004, p.23-24).

Observa-se que o autor considera o processo atual da globalização como um processo inerente ao sistema capitalista. A busca pela lucratividade pelos Estados nacionais através da internacionalização econômica é colocada como a última instância do processo. A história se mostrará como o meio de compreender o fenômeno, que terá como eixos centrais a forma pela qual se caracteriza as técnicas, como também a conformação que os processos políticos assumem. Fica evidente neste trecho que o atual processo de globalização é determinado pela política dos Estados nacionais e os meios técnicos, no caso em nossa atual condição de desenvolvimento tecnológico, aqueles ligados aos meios de informação. A

globalização resultante, na qual vivemos, é a que o autor irá denominar de “globalização perversa”.

Em função disso, Milton Santos (2000) vai demonstrar que a globalização atual se fundamenta a partir de alguns fatores, quais sejam: “[...] a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada” (SANTOS, 2000, p.24).

Desse modo, Milton Santos buscará esclarecer como se deu esse processo da globalização, uma temática que, aliás, o autor já havia discutido em obras anteriores. Essa compreensão se fará na segunda parte do livro, *II A produção da globalização* (p.23-36).

Nessa perspectiva, o autor irá discorrer sobre como essa globalização se faz perversa. Será discutido na terceira parte do livro (*III Uma globalização perversa*, p.37-78) como a informação e o dinheiro se destacam como objetos tirânicos, sobre os quais a ideologia encontra sustentação. A competitividade, as políticas Estatais e as empresas são partes essenciais deste processo.

Consideramos, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e da informação, intimamente relacionadas. Ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala. Tem as mesmas origens a produção, na base mesma da vida social, de uma violência estrutural, facilmente visível nas formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos (SANTOS, 2000, p.37).

Todavia, ressalta Milton Santos (2000, p.38), tudo isso vai resultar na confusão dos espíritos. O desamparo, a perda da consciência do que é bem público e do que seja solidariedade, serão os frutos dessa política Estatal, que visa os interesses privados de empresas em detrimento de políticas sociais.

A partir disso surgem as fragmentações (*IV O território do dinheiro e da fragmentação*, p. 79-116). Aqui o autor busca relacionar a “[...] economia

contemporânea, sobretudo as finanças, e o território” (SANTOS, 2000, p.15), destacando a noção de esquizofrenia espacial, mas também demonstrando que isto é o que irá definir o limite dessa atual globalização. O espaço geográfico será retalhado pelo poder do capital exercido pela figura das empresas. Uma nova lógica será posta para o mundo e para os lugares. Os sistemas técnicos e os meios de informação é que despontam como forma de estabelecimento dessa globalização. Contudo, as finanças irão contribuir para a essa reestruturação do espaço. Desse modo, o autor assinala que “[...] o dinheiro usurpa em seu favor as perspectivas de fluidez do território, buscando conformar sob seu comando as outras atividades”. (SANTOS, 2000, p.80).

Embora todas essas implicações possam afetar o espaço, fragmentando e reestruturando-o em prol da iniciativa privada, Milton Santos (2000) enxerga uma outra característica intrínseca ao espaço:

Mas o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente (SANTOS, 2000, p.80).

Na penúltima parte do livro (*V Limites à globalização perversa*, p.117-174), Milton Santos explica-nos que, após ter identificado como se originou e se estabeleceu esse processo, resta-lhe indicar, então, os seus limites e apontar movimentos que se delineiam conjuntamente, que podem oferecer condições de mudança dessa realidade. Nesta parte o autor indicará, de acordo com sua perspectiva, quais são “os descaminhos da racionalidade dominante” (SANTOS, 2000, p.15), apontando também as manifestações de novas alterações dentro desse processo e a atuação dos pobres na produção desta realidade e na realidade futura. Acerca disso, que:

[...] o denso sistema ideológico que envolve e sustenta as ações determinantes parece não resistir à evidência dos fatos. A velocidade não é um bem que permita uma distribuição generalizada, e as disparidades no seu uso garantem a exarcebação das desigualdades. [...] A promessa de

que as técnicas contemporâneas pudessem melhorar a existência de todos caem por terra e o que se observa é a expansão acelerada do reino da escassez, atingindo as classes médias e criando mais pobres. [...] Uma tomada de consciência torna-se possível ali mesmo onde o fenômeno da escassez é mais sensível. Por isso, a compreensão do que se está passando chega com clareza crescentemente aos pobres e aos países pobres, cada vez mais numerosos e carentes. Daí o repúdio às idéias e às práticas políticas que fundamentam o processo socioeconômico atual e a demanda, cada vez mais pressurosa, de novas soluções. Estas não mais seriam centradas no dinheiro, como na atual fase da globalização, para encontrar no próprio homem a base e o motor da construção de um novo mundo (SANTOS, 2000, p.117-118).

Por fim (*VI A transição em marcha*, p.141-174), Milton Santos fará sua conclusão, dizendo que nesta passagem do século vivemos uma transição em marcha. O autor identificará

[...] manifestações pouco estudadas do país de baixo, desde a cultura até a política, raciocínio que se aplica também à própria periferia do sistema capitalista mundial, cuja centralidade apresentamos como um novo fator dinâmico da história (SANTOS, 2000, p.15).

Tais afirmações vêm de encontro ao que pretendemos discutir na parte seguinte deste trabalho, isto é, os seus limites e possibilidades à luz de sua reflexão sobre o atual processo de globalização. Para tanto, consideramos necessário analisar, num primeiro momento, algumas categorias e questões fundamentais presentes na obra mais geral de Milton Santos, com o aporte de contribuições de outros autores, tendo em vista subsidiar melhor a discussão quanto aos limites e possibilidades de uma transição rumo a uma outra forma de globalização, idéia postulada por Santos na obra focada nesta pesquisa.

Capítulo 3 – Aportes teóricos e conceituais e a perspectiva da transição: limites e possibilidades de uma “outra” globalização

1. O lugar e a identidade

O lugar será destacado no livro *Por uma outra Globalização* como uma categoria de análise fundamental. Segundo o autor o lugar é onde se pode fazer a leitura do mundo. Através da singularidade é que temos a noção de totalidade. Em função disso é que Milton Santos (2000, p.112) dirá que o mundo se faz nas particularidades. Portanto, é através do espaço e do lugar que se pode efetivamente observar e compreender não só o local como também o global.

É neste aspecto que Milton Santos irá chamar atenção para o conceito de espaço como categoria de análise. O autor irá utilizá-lo tanto para designar lugar como o próprio espaço, mas chama a atenção para a necessidade da busca da compreensão deste a partir da realidade e suas implicações.

Eu uso um ou outro, alternativamente, definindo antes o que eu quero dizer com cada um deles. Agora, a retificação que ando fazendo é que não serve falar de território em si mesmo, mas de território usado, de modo a incluir todos os atores. O importante é saber que a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado, e que esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual (SANTOS, 2000, p.25-26).

O autor prossegue dizendo-nos que é através do uso que se faz do território que se podem identificar as ações nele entabuladas. Ele observa que a ação é, de certa forma, a consequência da utilização que a sociedade faz do espaço.

Esta implicação caberia simplesmente em tempos em que o homem mantinha uma relação direta com a natureza para suprir as suas necessidades. Mas, diante de uma realidade em que o tempo torna-se cada vez mais acelerado, nem todos possuem os meios pelos quais se possa efetivamente agir sobre o espaço. É por esse caminho que o lugar perde sua autonomia (SANTOS, 2000, p.104). Contudo, os lugares estão destinados a se depararem com grandes problemas. Mais propriamente as cidades e os estados federados estão condenados devido à falta de políticas por parte do Estado, negando-se, assim, o espaço interno e suas necessidades para valorizar

relações externas com o mercado internacional. Para o autor isso irá afetar intensamente a identidade territorial.

Esquizofrenia será o termo utilizado por Milton Santos (2000, p.114) para denominar o espaço e o território diante do atual processo de globalização. A patologia personificada do espaço é colocada pelo autor para destacar a contradição estabelecida neste. Ao mesmo tempo em que o espaço serve de receptáculo aos meios de realização da globalização - que possui uma ordem imperiosa específica -, ele também reage a isto, dando sinais evidentes, como a pobreza e a marginalização. Resultado disso serão as constantes manifestações sociais, das quais seus representantes vão reagir a essa ordem global.

Em função disso a competitividade vai se impor como a causa dessa contradição estabelecida no espaço. O autor nos fala que devido à busca por maiores lucros e maiores produtividades, os lugares vão ampliar a idéia de globalização. É através dos lugares que ocorrem as circulações e o consumo. Mas também são estes que ofereceram as condições de instalação dessa produção. Desse modo,

[...] os lugares tornam-se um dado essencial do processo produtivo, em todas as suas instancias, e passam a ter um papel que não tinham antes. A globalização revaloriza os lugares e os lugares – de acordo com o que podem oferecer às empresas – potencializam a globalização na forma em que está aí, privilegiando a globalização tal como ela é criada-se uma relação de causalidade em benefício dos atores mais poderosos, dando ao espaço geográfico um papel inédito na dinâmica social (SANTOS, 2000, p.22-23).

Rogério Haesbaert (2002, p.13-15) entende que o espaço também terá grande importância na análise territorial, conquanto se mostre mais otimista, ressaltando a importância de se privilegiar o que ele chama de “contra-espacos”. Contudo, o cotidiano e o embate provocado por essas contradições espaciais oferecem a oportunidade do confronto de identidades. É diante desse conflito estabelecido que é aberto o caminho para uma permanente diversidade libertadora. Podemos inferir com Haesbaert (2002) que esta é uma visão que compreende que além do espaço abarcar essas forças hegemônicas, ele também cria os meios pelos quais se afirma a globalização. Milton Santos (2000), por outro lado, coloca uma perspectiva em que

são privilegiados os atores hegemônicos que se instalam e agem nos território, impondo sua dinâmica e organização.

Embora os dois autores reconheçam esta ação conflituosa, que é inerente ao espaço, onde a atual globalização se faz presente, Milton Santos (2000, p.114) irá destacar um agravante que merece destaque, isto é, o papel desempenhado pelas finanças, que, segundo o autor, representam a causa deste problema. Elas é que desestruturam toda a sociedade. Ela impõe normas das quais negam toda a singularidade do local, como também corrompem as normas que já existem. A sociedade, as empresas e as instituições são por onde o sistema financeiro global vai agir. Isso provoca perturbações, o que pode levar a própria sociedade a se conscientizar cada vez mais sobre sua realidade. É, portanto, o lugar que vai oferecer estas condições. Nota-se no autor uma preocupação na afirmação do lugar e do espaço, como chave de entendimento e afirmação de identidade.

As empresas, segundo Santos (2004, p. 296-297), estão sempre em busca de um lugar onde possam ampliar a sua produção. Isso pode trazer conseqüências em escalas inferiores, pois cada lugar terá sua dinâmica própria, seja ela de ordem fiscal, econômica ou local. Nem sempre o que é vantajoso para uma empresa será igualmente para outra. O lugar, portanto, irá oferecer suas condições, e as empresas, de acordo com sua produção e necessidades, irão selecionar os lugares para a suas instalações. O lugar, para o autor, deve ser reconhecido como um tecido, onde estas variáveis de atração ou repulsão das empresas se fazem presentes. As empresas do chamado mundo global, não possuem uma atitude global diante do espaço onde se instalam (SANTOS, 2006, p. 335-337). Isso ocorre devido ao uso desse espaço pelas grandes empresas, que têm a capacidade de escolher tais espaços. Globalmente não se tem uma regulação do uso desses espaços locais. É diante disso que se encontra o conflito entre pequenas e grandes empresas.

Boaventura de Sousa Santos (2002, p.13-14), por sua vez, terá outra perspectiva a respeito do lugar e sua identidade. Para ele o nosso tempo, o tempo atual, é constituído de paradoxos. Concomitantemente ao fato de presenciarmos avanços tecnológicos, convivemos com regressões e problemas como doenças, desigualdades sociais e guerras, que ainda se fazem presentes em uma modernidade ocidental, que oferece condições para a realização desses impasses. Em função disso, esses

problemas se caracterizam como problemas modernos, diante dos quais devemos buscar a reinvenção da emancipação social. Contrariando o pensamento de Milton Santos (2002), este autor coloca em debate a modernidade e desloca a ação dos atores hegemônicos para um segundo plano.

Octavio Ianni (2002, p.113) vem contribuir para essa discussão, ressaltando que:

No horizonte da sociedade global são outras e novas as condições sociais, econômicas, políticas e culturais nas quais se constitui e desenvolve o indivíduo. [...] As referências habituais na constituição do indivíduo, compreendendo língua, dialeto, religião, seita, história, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas, hinos, bandeiras e outros elementos culturais, são contemplados, impregnados ou redescobertos por padrões, valores, ideais, significados e símbolos em circulação mundial.

Nota-se por estas palavras certa ponderação por parte do autor quanto ao atual processo de globalização. Ianni (2002) demonstra que a questão da identidade merece ser reavaliada e destaca que tal condição mundial irá redefinir a própria ideia de indivíduo, portanto de identidade. No entanto, Milton Santos (2002, p.20-21) terá uma visão diferenciada a respeito disso. Para ele o período atual é baseado materialmente na unicidade da técnica, na convergência dos momentos e no conhecimento do planeta. A globalização atual não é vista como uma proposta humanista, de revalorização cultural, mas como fundamento onde o sistema capitalista se sustenta. Santos acredita que se possa forjar um outro caminho, se estas bases forem colocadas a serviço de outras propostas sociais e políticas.

Para Milton Santos (2000, p.20-21) isto é tanto observado a nível empírico quanto na teoria. Empiricamente poder-se-ia ver uma nova história se constituindo, em que as misturas culturais e as misturas filosóficas se contrapõem à ideia de racionalidade proporcionada pela Europa. Destacar-se-ia também a crescente participação das culturas emergentes fazendo uso dos meios técnicos, adquirindo a possibilidade da reação contra esta ordem estabelecida. Já no plano teórico existe a possibilidade da reformulação do discurso. Para o autor, nunca na história houve a possibilidade de universalidade empírica como atualmente observamos. O pensamento e o discurso saem da abstração e ganha a materialidade, onde todos são capazes de experimentá-la, individualmente e universalmente. É nesse sentido que

Santos vislumbra uma saída para que possamos, a partir do conhecimento da realidade, fazer uma outra história.

2. O espaço

A concepção de espaço também terá grande importância nas análises de Milton Santos, principalmente no que se refere ao atual processo de globalização. Para que se possa compreender o espaço, o autor utiliza um método, que pode ser descrito no seu livro *Espaço e Método* (1992). Segundo Milton Santos (1992, p.62) pode-se considerar que o espaço pode ser dividido, fracionado, para fins de análise. Sendo assim, pode ser reconhecido o que ele chama de “espaços de circulação”. Desta forma podemos identificar a existência hierárquica de utilização do espaço, mais especificamente por parte das empresas. Estas, no intuito da reprodução, necessitam da capacidade de circulação. Isso irá forçar a criação de redes de circulação quanto maior forem as distâncias.

Nesta mesma obra Milton Santos (1992, p.61-64) irá nos dizer que os espaços de produção, circulação, distribuição e consumo podem ser analisados como se dispusessem de autonomia. Cada um pode ser identificado e compreendido separadamente. Mas, na verdade, seu valor dependerá de um conjunto de ações que o envolvem. A análise tem como objetivo apenas a compreensão do real. Desta forma, o espaço deve ser considerado um objeto uno e total. Cada espaço territorial é um recorte, e este é, por sua vez, solidário aos demais. Neste sentido o autor considera o espaço em todos os momentos como total e indivisível. A isso o autor denomina de totalidade do espaço.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que a compreensão do espaço ganha novas perspectivas no atual momento que vivemos (Santos, 1992, p.40). Quanto a isso Milton Santos nos diz que:

Graças às novas condições, o espaço se mundializa, ao mesmo tempo em que o número de Estados aumenta e os territórios respectivos são dotados de uma especificidade ainda mais nítida. Ao mesmo tempo em que os espaços produtivos conhecem especialização mais indiscutíveis, as disparidades regionais ganham uma natureza nova, são cada vez menos presididas pelas condições de aproveitamento direto das condições

naturais e cada vez mais pelas possibilidades de aplicação da ciência e da técnica à produção e a circulação geral (SANTOS, 1992, p.40).

Observamos, então, que o autor identifica no espaço, diante dos impactos da mundialização, a especialização e a segmentação, situação na qual a técnica passa a ser mais priorizada do que a própria condição natural que este espaço apresenta. Neste sentido Milton Santos ressalta que:

No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros (SANTOS, 2000, p.79).

O autor chama a atenção tanto para a questão da localização quanto ao seu uso. Desse modo o território será utilizado e, portanto, valorizado por aqueles que possuem a poder de compra, ou seja, a fragmentação do espaço será proporcionada pela ação do capital privado. Dessa maneira não existiria um espaço que fosse global, mas apenas espaços da globalização (SANTOS, 2006, p.331-339). E é através das normas que isso vai se concretizar. Será, então, o local que terá condições de oferecer possibilidades de realizações. Portanto, o território será o intermédio dessa realização, e o espaço territorial se apresentaria aqui como norma. O Mundo, na proposta de Milton Santos, é considerado como norma, e o Lugar é onde a norma é acima de tudo forma.

Santos (2002, p.201-219) observa que o espaço não deve ser compreendido somente a partir de um provimento para a sobrevivência humana, pois a idéia de espaço global se apresenta cada vez mais atuante. A causa disso está na busca cada vez maior dos lucros por parte das empresas. Tudo isso é proporcionado pelo baixo custo oferecido pelos transportes e pela comunicação, no caso são menores do que o custo da produção. Estes fatores contribuíram para a mundialização da economia e mundialização do consumo. A internacionalização seria a causa desse processo. Diante disso, a soberania nacional irá ganhar conteúdos novos, pois haverá uma maior preocupação com o território nacional e os instrumentos que o transformam. Neste âmbito, a política e a economia ganharão destaque. Sendo assim, a totalidade

do espaço terá que ser compreendida numa escala universal, em conjunto com a escala local.

Para o autor, as verticalidades, representadas pelas grandes empresas, precisam ser destacadas na compreensão da questão, haja vista o fato delas possuírem a força de ordenamento dentro do espaço, que é capaz de subverter toda a dinâmica local (2000, p.108). David Harvey (2004, p.177) converge com esta idéia, ao dizer-nos que:

[...] as novas tecnologias abrem a possibilidade de uma reconstituição das relações de trabalho e dos sistemas de produção em base sociais, econômicas e geográficas inteiramente distintas. [...] A “Terceira Itália” é muito empregada como exemplo dessas novas formas de organização cooperativa de trabalhadores que, armados com novas tecnologias descentralizadas de comando e controle, podem integrar-se com sucesso as formas dominantes e repressivas de organização do trabalho características do capital corporativo e multinacional, e até mesmo subvertê-las.

Dessas acepções podemos ressaltar que as novas formas de ação do capitalismo deturpam as dinâmicas locais de produção do espaço. Isso provoca uma mudança na própria visão do local como do ser, esclarece Manuel Castells (1999, p. 57-60 *apud* BARGLOW, 1994). De acordo com este autor:

A mudança histórica das tecnologias mecânicas para as tecnologias da informação ajuda a subverter as noções de soberania e auto-suficiência que serviam de âncora ideológica à identidade individual desde que os filósofos gregos elaboraram o conceito, há mais de dois milênios. Em resumo, a tecnologia está ajudando a desfazer a visão do mundo por ela promovida no passado (CASTELLS, 1999, p. 57-60 *apud* BARGLOW, 1994).

À luz destas interpretações, o lugar passaria a ter uma nova dinâmica, não só em relação do indivíduo consigo mesmo, mas com seu grupo e com o mundo dentro do processo de globalização. Sendo assim, na visão de Milton Santos (2000, p.80-81) o espaço deve ser entendido de outra forma. Dentro dessa nova dinâmica global e configuração em que o mundo, os continentes e os países se inserem, uma nova

abordagem geográfica se faz necessária. Podemos compreender com base no que diz Milton Santos que a causa dessa nova concepção espacial seria as compartimentações e fragmentações provocadas pela ação humana e pelas políticas atuais.

3. As técnicas e a tecnologia

As técnicas nos fazem distinguir as épocas e o período no qual vivemos, que pode ser denominado de período da tecnociência (SANTOS, 2006, p.178). Por meio das tecnologias, aliada à ciência, pode se desenvolver métodos de estudos e antecipações. Desta forma elas vão ser importantes para a compreensão do atual processo de globalização. Para Milton Santos (2000, p.24-27) as técnicas vão se desenvolver juntamente com os processos históricos. Este desenvolvimento se dá como uma família de técnicas, onde todas as produções técnicas pertencem a um conjunto, a um sistema. Sendo assim, nosso período (o atual período da globalização) se dá através das técnicas da informação (cibernética, informática e eletrônica). Essa família de técnicas, segundo o autor, vai comportar a comunicação entre as diversas técnicas, através dos sistemas de comunicação, determinando, assim, a utilização do tempo. Todos os lugares passam a ter a possibilidade de participarem das ações simultaneamente, condição a que o autor qualifica como “convergência dos momentos”. Resulta daí a aceleração do processo histórico, processo que estaria se dando pela primeira vez na história da humanidade, de acordo com o autor.

David Harvey (2004, p.315-317) aponta-nos para essa compressão do tempo-espço, dizendo que:

Tem havido várias respostas à ação da compressão do tempo-espço. A primeira linha de defesa é a fuga para um tipo de silêncio exaurido, *blasé* ou encouraçado, e inclinar-se diante do sentido avassalador de quão vasto, intratável e fora do controle individual ou mesmo coletivo tudo é. A informação excessiva, afirma-se, é uma das melhores induções ao esquecimento.

Milton Santos (2000, p.32) parece concordar com essa afirmação, esclarecendo que por mais que tenhamos objetos que possam nos mostrar os diversos lugares do planeta, essas imagens não nos colocam à parte do movimento da história.

Esse período técnico-científico da história permite ao homem não apenas utilizar o que encontra na natureza: novos materiais são criados nos laboratórios como um produto da inteligência do homem, e precedem a produção dos objetos. [...] Por meio de satélites, passamos a conhecer todos os lugares e a observar outros astros. O funcionamento do sistema solar torna-se mais perceptível, enquanto a terra é vista em detalhe: pelo fato de que os satélites repetem seus órbitas, podemos captar momentos sucessivos, isto é, não mais apenas retratos momentâneos e fotografias isoladas do planeta. Isto não quer dizer que tenhamos, assim os processos históricos que movem o mundo, mas ficamos mais perto de identificar momentos dessa evolução (SANTOS, 2000, p.32).

É em função disso que o autor irá dizer que a técnica por si só não proporciona, de fato, o conhecimento da realidade. Por mais que a produção material possa nos deixar o mais próximo possível da realidade, mesmo assim ela não nos permite reconhecer o processo concretamente.

Nesta acepção, Rogério Haesbaert (2002, p.58) esclarece que essa idéia de anular o espaço em relação ao tempo deve ser compreendida como uma alegoria colocada e difundida para todos. Para o autor, vivemos em um momento que os meios de comunicação, como também os de transportes, nos dão uma falsa idéia de revogação do espaço em função da aceleração do tempo. Vale ressaltar que os espaços onde essas redes de informação e circulação se fazem presentes, retratam o próprio modelo capitalista excludente, onde a maioria da população não participa. Este espaço segmentado, por sua vez, só é utilizado apenas por uma ínfima parte que pode pagar por esse acesso.

Para Milton Santos (2000, p.17-21) vivemos em um mundo em que nossa percepção torna-se confusa. Isto é propiciado pela credibilidade em nossa ciência e em nossa técnica. Crença esta que nos induz uma falsa idéia de progresso social. Dessa perspectiva a idéia de aceleração surge como algo indispensável a essa realidade. Contudo, o autor resalta que isto é uma mera produção social, e que é dentro desta falsa produção de idéias que se encontra esse desvirtuamento de

percepção. Portanto, é diante da produção histórica que se encontra esta confusão. De acordo com o autor, é nesse processo que se aloja o que ele chama de “discurso único”, ou seja, onde são produzidas as fabulações que iram causam a alienação dos indivíduos. Daí a necessidade da informação, da imagem e da criação do imaginário. O capital, por sua vez, se uniu a esse processo perfeitamente, fundamentando-se na economia e na monetarização tanto da vida pessoal como coletiva.

Edgar Salvadori de Decca (1996), em seu livro *O nascimento das fábricas*, contribui com essa questão. Este autor nos fala que foi a partir do surgimento das fábricas que se passou a determinar o limite do conhecimento técnico por parte da maioria da sociedade. Para ele o “... sistema de fábrica não foi outra coisa a não ser a instituição do próprio social e do domínio desse social como apropriação de saberes”. (DECCA, 1996, p.36). Manuel Castells (1999) reforça esse pensamento dizendo que:

[...] computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genérica são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísseis, saúde, educação ou imagens (CASTELLS, 1999, p. 69).

De acordo com essa afirmação percebemos que as técnicas são, acima de tudo, produções sociais. Em função disso podemos compreender que essa relação existente entre homem e técnica pode trazer conseqüências não só na produção material, quanto na produção social e do pensamento. Sendo assim, as técnicas estão diretamente relacionadas com a vida social e individual. Diante dessa perspectiva podemos inferir, com Milton Santos (2000, p.64-66), que o momento atual do processo de globalização será aquele onde se perde toda uma proposta de evolução que vinha se constituindo nos aspectos sociais e morais. Nesse sentido o autor esclarece que o uso da ciência e da técnica em conjunto será dependente das ações do mercado. A partir dessa reflexão, podemos dizer que:

[...] trata-se de uma técnica e de uma ciência seletiva. Como, frequentemente, a ciência passa a produzir aquilo que interessa ao mercado, e não à humanidade em geral, o progresso técnico e científico não é sempre em progresso moral (SANTOS, 2000, p.64).

Neste mesmo sentido, David Harvey (2004, p.179-181) irá destacar que: “As novas tecnologias aumentaram o poder de certas camadas privilegiadas”. A partir dessa reflexão, compreendemos que essa seletividade está diretamente associada aos indivíduos que dispõem as possibilidades de uso, ou seja, toda produção tecnológica que são oferecidas atualmente no mercado só garantem a perpetuação das diferenças sociais já estabelecidas. Isso faz com que fique de fora uma grande parte da população. A estes excluídos Milton Santos (2000, p.128-130) irá denominá-los de “não possuidores”, e assinala:

Hoje, tanto os objetos quanto as ações derivam da técnica. As técnicas estão, pois, em toda parte: na produção, na circulação, no território, na política, na cultura. Elas estão também – e permanentemente – no corpo e no espírito do homem. [...] Na medida em que as técnicas hegemônicas, fundadas na ciência e obedientes aos imperativos do mercado, são hoje extremamente dotadas de intencionalidade, há igualmente tendência à hegemonia de uma produção “racional” de coisas e de necessidades; [...] O reino da necessidade existe para todos, mas segundo formas diferentes, as quais simplificamos mediante duas situações-tipo: para os “possuidores”, para os “não possuidores”.

Podemos compreender, com base no que foi dito, que Milton Santos irá fazer uma distinção da maneira pela qual os “possuidores” e os “não possuidores” reagem ao discurso da escassez. Para os primeiros, esta aparece como refúgio, para mera satisfação de consumo. A aparente satisfação por meio de bens finitos leva-os a uma “[...] aceitação da contrafinalidade contida nas coisas e em consequência ao enfraquecimento da individualidade” (SANTOS, 2000, p.130). Desta maneira a escassez é vista como algo pacífico. Já para os “não possuidores” existe um conflito permanente, onde a escassez é combatida dia após dia, no cotidiano. Através disso é que:

A sobrevivência só é assegurada porque as experiências imperativamente se renovam. E como a surpresa se dá como rotina, a riqueza dos “não possuidores” é a prontidão dos sentidos. É com essa força que eles se eximem da contrafinalidade e ao lado da busca de bens materiais finitos cultivam a procura de bens infinitos como a solidariedade e a liberdade:

estes, quanto mais se distribuem, mais aumentam (SANTOS, 2000, p.130).

Manuel Castells (1999, p.67) contribui para o assunto dizendo que vivemos nestes últimos tempos um período singular na história. Em função disso, tal período se apresentaria como “[...] um intervalo, cuja característica é a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação”. Assim, Castells (1999, p.68) ressalta que:

[...] o *cerne* da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às *tecnologias da informação, processamento e comunicação*. A tecnologia da informação é pra esta revolução o que as novas fontes de energia fora para as revoluções industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial.

Destaca ainda que:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a ampliação desses conhecimentos e dessa informação pra a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 1999, p.69 *apud* SARBY, 1990; HALL E PRESTOS, 1988; FORESTER, 1985; DIZARD, 1982).

Nota-se na concepção deste autor que a tecnologia da informação é a principal característica deste período, mas, pelo seu ponto de vista, não é exatamente a centralidade do conhecimento, mas sim a sua crescente produção de conhecimentos para a utilização no próprio processo de informação, sendo este, segundo o autor, o fator a ser destacado. Ele nos chama a atenção mais especificamente para a questão do uso dessas novas tecnologias. Acerca dessa centralidade Milton Santos (2000, p.66) irá defender que:

A informação é centralizada nas mãos de um número extremamente limitado de firmas. Hoje, o essencial do que no mundo se lê, tanto em jornais como em livros, é produzido a partir de meia dúzia de empresas que, na realidade, não transmitem novidades, mas as reescrevem de maneira específica. Apesar de as condições técnicas da informação permitirem que toda a humanidade conheça tudo o que o mundo é, acabamos na realidade por não sabê-lo, por causa dessa intermediação deformante.

A partir dessa reflexão, podemos dizer que o autor dá relevância para tal centralidade, valorizando o papel discursivo da informação, destacando a face ideológica da produção da informação.

Em função disso, ganha evidência o fato de que a técnica é um instrumento de grande eficácia para a deturpação da realidade. Apesar da sua grande importância e utilização na produção e reprodução da vida humana, como também no seu desenvolvimento, ela se mostra, por outro lado, como uma forma bastante eficaz de dissimular a realidade (SANTOS, 2000).

4. Estado, empresas, competitividade e economia

De acordo com Milton Santos (2000, p.107) as empresas, mais especificamente as grandes empresas, possuem a capacidade de controle do espaço. Isto é assegurado e facilitado pela política do Estado. Vale ressaltar que essa ação sempre beneficia, segundo o autor, os atores hegemônicos. Ainda que estes centros de fluxos possam ter uma integração maior com dinâmicas econômicas mais abrangentes espacialmente, ela sempre será “[...] vertical, dependente e alienadora, já que as decisões essenciais concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes”. (SANTOS, 2000, p.106-107).

Como consequência disso, o autor esclarece que interesses corporativos tendem a sobressair diante dos interesses públicos. Isso prejudica o local onde eles - os atores hegemônicos - estabelecem suas influências, pois, a partir de uma coação sobre o Estado, essas corporações empresariais passam a exercer poderes políticos sobre o local, onde o interesse privado do capital se sobressai. Diante disso, apresentam-se forças centrífugas, que determinam e dominam de uma forma

racionalmente hegemônica, o que produz uma propensão a uma unificação e a uma homogeneização. Estes espaços passam a subordinar o restante dos outros espaços, o que não descarta a existência de uma resistência a essas forças hegemônicas (SANTOS, 2000, p.107).

Octavio Ianni (1997, p.46) parece concordar com este fato quando discorre a respeito das novas formas de produção sob o capitalismo, na medida em que, ao atuar “[...] em escala mundial, as empresas, corporações e conglomerados transnacionais adquirem preeminência sobre as economias nacionais”.

Numa outra perspectiva, Castells (1999) irá nos falar da capacidade de flexibilização que as atuais empresas dispõem. Segundo ele,

O modelo de produção flexível, em suas formas diferentes, maximiza a resposta dos agentes e unidades econômicas e a um ambiente em rápido crescimento. Mas também aumenta a dificuldade de controlar e corrigir erros de articulação. As grandes empresas com níveis adequados de informação e recursos têm mais possibilidades de cuidar desses erros que as redes fragmentadas e descentralizadas, desde que façam uso da adaptabilidade além da flexibilidade. [...] A “empresa horizontal” é uma rede dinâmica e estrategicamente planejada de unidades autoprogramadas e autocomandadas com base na descentralização, participação e coordenação (CASTELLS, 1999, p.223).

A partir dessa reflexão, podemos inferir que as empresas que dispõem desses meios informacionais atuais possuem uma capacidade de readaptação frente aos obstáculos que os espaços lhe oferecem. Em função de disso o autor esclarece que a empresa optou por mudar o seu modo de organização, para poder enfrentar esses imprevistos colocados pelas constantes mudanças econômicas e tecnológicas (CASTELLS, 1999 *apud* DRUCKER, 1998, p. 221-223). O autor ainda observa que:

A principal mudança pode ser caracterizada como a mudança de burocracias verticais pra a empresa horizontal. A empresa horizontal parece apresentar sete tendências principais: organização em torno do processo, não da tarefa; hierarquia horizontal; gerenciamento em equipe; medida do desempenho da equipe; maximização dos contatos com fornecedores e clientes; informação, treinamento e retreinamento de

funcionários em todos os níveis (CASTELLS, 1999 *apud* *Busines Week*, 1993a, 1995^a).

É importante ressaltar que as empresas, segundo o autor, apresentem-se mais eficientes do que econômicas. A idéia de flexibilidade nos tempos atuais passa a ser mais preponderante do que a própria estratégia econômica da empresa. Desta maneira, para que estas empresas conseguissem se adequar às condições de fluxos e redes, a própria empresa passou a ser uma rede. A isto o autor denominará de “empresa horizontal”. Esta foi a saída que as empresas encontraram para concorrer com seus produtos no mercado globalizado, onde a descentralização e autonomia de suas unidades tornam-se uma característica marcante nessa nova organização (CASTELLS, 1999 *apud* GOODMAN *et al*, 1990, p.222).

Neste sentido, serão as redes os principais meios de ação por parte dessas empresas. Desse modo, as informações adquirem a sua importância, pois é através das redes que as decisões irão se concretizar:

As informações circulam pelas redes: redes entre empresas, redes dentro de empresas, redes pessoais e redes de computadores. As novas tecnologias de informação são decisivas para que esse modelo flexível e adaptável realmente funcione (CASTELLS, 1999, p.222-223).

David Harvey (2004) coloca uma perspectiva diferente diante da questão. Segundo ele está ocorrendo uma transformação marcante na organização do trabalho. Isto se deve a fatores locais, que nos indicam que o sistema capitalista está se apresentando de forma diferenciada a partir do final do século XX:

O retorno do interesse pelo papel dos pequenos negócios (um setor altamente dinâmico desde 1970), a redescoberta do trabalho duro e não muito bem pago e de atividades informais de varias natureza, o reconhecimento de que estas formas de trabalho contemporâneo mesmo nos mais avançados países industrializados e a tentativa de traçar o percurso das rápidas mudanças geográficas do emprego e das fortunas – tudo isso tem produzido uma massa de informações que parece sustentar a visão de que há uma grande transformação no modo de operação do capitalismo do final do século XX (HARVEY, 2004, p.177-178).

Nesse sentido ressaltamos que, apesar de cada vez mais as grandes empresas se imporem diante do mercado nacional, conquanto do espaço e do território nacional, há indícios de uma contraposição a esse modelo atual, como bem destacou David Harvey (2004). No entanto, este autor não descarta a mudança que houve no espaço mundial com a

[...] desindustrialização e da transferência geográfica de fábricas, das práticas mais flexíveis de emprego do trabalho e da flexibilidade dos mercados de trabalho, da automação e da inovação de produtos olham a maioria dos trabalhadores de frente (HARVEY, 2004, p.179).

Acerca disso, Milton Santos (2000, p.101) assinala que esse modelo de finança, que envolve o mundo, está deturpando não só o território, mas também toda a estrutura social onde ele se instala. Em decorrência disso, é através das pessoas, das instituições e das empresas que esta finança global vai agir, criando perturbações. Podemos inferir, com Milton Santos (2000, p.67-69), que se trataria da “morte da Política”. Para ele, o papel da política ganha destaque na compreensão desse atual processo que atinge o mundo globalizado. Sendo assim, qualquer país que participe dessa globalização de forma passiva, o resultado acaba sendo danoso ao território nacional:

O dinheiro regulador e homogeneizador agrava heterogeneidades e aprofunda as dependências. E assim que ele contribui para quebrar a solidariedade nacional, criando ou aumentando as fraturas sociais e territoriais e ameaçando a unidade nacional (SANTOS, 2000, p.104).

A partir dessa reflexão, podemos dizer que a análise espacial de Milton Santos envolve tanto uma crítica não só à ação efetiva das grandes empresas no território, como também identifica o Estado como co-adjuvante dessa desregulamentação territorial. Octavio Ianni (1997, p.49) corrobora com esta idéia ao dizer-nos que:

As condições e as possibilidades de soberania, projeto nacional, emancipação nacional, reforma institucional, [...], passam a estar determinadas por exigências de instituições, organizações e corporações multilaterais, transnacionais ou propriamente mundiais, que pairam acima das nações.

Em uma mesma perspectiva, Milton Santos (2000, p.102-103) observa que as formações de blocos (Comunidade Econômica Européia, ALCA, ASEAN) constitui uma forma dos Estados mais influentes, e suas grandes empresas fazerem, fluírem suas economias, subordinando os demais a aceitarem suas exigências econômicas. Dessa forma, todas as iniciativas tomadas em prol da unificação visam a

[...] fluidez das mercadorias, dos homens, da mão-de-obra e do próprio território, inclusive nos países menos desenvolvidos, de modo a que a Europa como um todo se pudesse tornar um continente igualmente fluido (SANTOS, 2000, p.102).

Efetivamente, Milton Santos (2000) não irá mostrar estudos e exemplos de como o Estado pode enfrentar esse desafio contra a ação dos atores hegemônicos. Apesar de considerar a importância da política nesse problema, e a emergência de formas alternativas contra o capital privado, o autor não elucida propostas que busquem essa transformação. Poderemos ver mais claramente isso em Boaventura de Sousa Santos (2002, p.45-46). Este autor demonstra que as propostas políticas para o desenvolvimento econômico territorial não devem ser pensadas “a partir de cima”. Os planos de desenvolvimentos, sejam eles nacionais ou internacionais, precisam da participação localizada, comunitária, ou seja, envolvendo tanto os atores locais quanto os de âmbito internacionais. Contudo, Souza Santos (2002) não nega que os planos de desenvolvimento - que se sustentam na aceleração do crescimento econômico, principalmente no setor industrial - tenham provocado uma restrição na política social e econômica. A partir disso, o autor resgata o “desenvolvimento alternativo”(8) como uma saída a esse impasse, colocando-o como uma das principais formas onde o debate crítico poderá se contrapor a esta forma de globalização neoliberal.

(8) De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2002, p.45-46), o “Desenvolvimento Alternativo” aparece no ano de 1975, com a fundação sueca *Dag Hammarskjöld* [grifo meu]. Esta, por sua vez, proporcionou a criação da Fundação Internacional de Desenvolvimento em 1976. O debate a respeito dessas formas alternativas, segundo o autor, continuou se dando ao longo dos anos de 1980 e 1990. Basicamente, essas formas alternativas se caracterizam como ações individuais e coletivas, como cooperativas de vendas e associações de coletas de lixo recicláveis. Mas, estas formas ainda não podem ser denominadas como emancipatórias e autônomas, pois estão atreladas aos setores da economia moderna, onde podem ser utilizadas como forma de exploração. O caminho, portanto, estaria no associativismo baseado em princípios não capitalistas, como a cooperação e a mutualidade. Cf. SANTOS, 2002, p.331-338.

5. Globalização e cidadania

Sobre a dinâmica da globalização outra questão que emerge é a da cidadania. Todas as implicações econômicas, políticas e culturais que a dinâmica global trouxe aos diversos lugares e sociedades terão um reflexo no que concerne ao nível social. Sendo assim, o próprio conceito de cidadania passará por uma nova significação. Maria de Lourdes Manzini Covre (1995, p.63-67) vem a contribuir sobre o assunto, postulando que a cidadania é uma categoria que:

[...] depende da ação dos sujeitos e dos grupos básicos em conflito, e também das condições globais da sociedade. [...] A categoria cidadania permite avançar no pressuposto dialético marxista: os homens fazem a História, segundo determinadas circunstâncias estruturais - o que significa não pender nem para os sujeitos, nem para as estruturas. Nisso reside a possibilidade de fazer a ligação entre os desejos e as necessidades dos homens, enquanto indivíduos (subjetividades) e enquanto sujeitos grupais no bairro, nas fábricas, sindicatos, partidos, até chegar ao âmbito global da sociedade.

À luz desta concepção, pode-se dizer que a cidadania é uma categoria de análise que nos permite compreender a relação estabelecida entre o indivíduo e as estruturas nas quais ele poderá se inserir. Vale ainda dar destaque às instâncias consideradas por esta autora na análise da cidadania, como o bairro, fábricas, sindicatos, partidos e o âmbito global da sociedade, uma vez que demonstra a relação intrínseca existente entre cidadania e o espaço. Em função disso, a questão da cidadania torna-se fundamental para a análise do atual processo de globalização.

Octavio Ianni (2002, p.107), por sua vez, compreende a cidadania como soberania, implicando, assim, “autoconsciência”. O autor acredita, contudo, que, no presente momento, diante das atuais condições em que se sustenta essa “formação da sociedade global”, não existe bases culturais que possibilitem tal autoconsciência, assinalando que

As condições e as possibilidades de soberania, projeto nacional, emancipação nacional, reforma institucional, [...], passam a estar determinadas por exigências de instituições, organizações e corporações

multilaterais, transnacionais ou propriamente mundiais, que pairam acima das nações (IANNI, 1997, p.49).

A partir dessa reflexão, podemos concluir com IANNI (1997) que a soberania, dentro deste modelo capitalista em que a globalização se faz atuante, está estrangulada e limitada pela ação das organizações, instituições e empresas de ação internacional. O Estado, desta maneira, está condicionado aos propósitos internacionais. Assim, “a utopia da emancipação individual e coletiva, nacional e mundial, parece estar sendo punida com a globalização tecnocrática, instrumental, mercantil, consumista” (IANNI, 1997, p.22). Milton Santos (2000, p. 168 - 169) concorda parcialmente com esta afirmação. Reconhece que a consciência por parte da sociedade ainda é incipiente e se apresenta como algo ainda a se conquistar gradualmente pela força da escassez. Mas, por outro lado, Milton Santos (2000, p.169-170) acredita que a conscientização se faz de forma sistêmica, onde a experiência individual é que irá desencadear todo o processo até se conformar num projeto planetário.

Cabe ressaltar a posição de Manuel Castells (1999, p.57-60), que irá identificar que a noção de soberania irá adquirir uma nova concepção de mundo com as mudanças provindas das tecnologias da informação. Essa afirmação mostra conformidade com as idéias de Milton Santos (2000, p.172-173), além de ganhar projeção na medida em o maior contato de pessoas, a mistura de culturas, de idéias, possibilitados pelos meios de informação, enriquecerá a busca de uma nova política.

Já para David Harvey (2004, p.181), o Estado ainda possui sua autonomia diante desses desenvolvimentos informacionais em que o capitalismo se assenta. Segundo ele:

A nação-Estado, embora seriamente ameaçada como poder autônomo, retém mesmo assim grande poder de disciplinar o trabalho e de intervir nos fluxos de mercados financeiros, enquanto se torna muito mais vulnerável a crises fiscais e à disciplina do dinheiro internacional (HARVEY, 2004, p.181).

Pode-se inferir com isso que o Estado ainda possui - mesmo que relativa - certa autonomia diante das forças do mercado internacional. A soberania e,

conseqüentemente, a cidadania nacional ainda é garantida pelas políticas internas estatais. David Harvey (2004, p.315-316), no entanto, destaca ainda que um dos problemas enfrentados pelos Estados é o modo como a política deve reagir a essa pressão internacional. Para o autor existe um seguimento político, embasado na corrente progressista do pós-modernismo, que vê uma possibilidade, mesmo que limitada, de estar contrapondo aos ideais da globalização hegemônica. Ele salienta a existência de uma dialética presente naqueles que buscam a inter-relação entre “[...] a comunidade e a localidade, as resistências locais e regionais, os movimentos sociais, o respeito pela alteridade etc.” (HARVEY, 2004, p. 315-316). Para o autor, esta seria uma alternativa para se tentar apreender desse mundo de possibilidades algo que seja concreto. Mas, por outro lado, admite que diante dessa força de universalização torna-se bastante delicada a relação de respeito entre os indivíduos sob os imperativos da competição e da fragmentação dos tempos atuais.

Milton Santos (2000) considera que qualquer país que participe ou venha a participar da atual forma de globalização de forma passiva, o Estado, certamente, será constringido e prejudicado, uma vez que

O dinheiro regulador e homogeneizador agrava heterogeneidades e aprofunda as dependências. E assim que ele contribui para quebrar a solidariedade nacional, criando ou aumentando as fraturas sociais e territoriais e ameaçando a unidade nacional (SANTOS, 2000, p.104).

Nesta perspectiva, Milton Santos (2000, p.113) acredita que a cidadania é uma condição que deve ser construída pela sociedade a partir do lugar. Este seria o ponto de partida para que o território possa se estruturar como um estado federativo. É a partir daí que as pessoas poderão adquirir a cidadania plena. Tudo isso deve se assentar em uma nova base política, na qual o território é que irá conduzir as ações. Desse modo, para o autor,

Ser “cidadão de um país”, sobretudo quando o território é extenso e a sociedade muito desigual, pode constituir, apenas, uma perspectiva de cidadania integral, a ser alcançada nas escalas sub-nacionais, a começar pelo nível local. Esse é o caso brasileiro, em que a realização da cidadania reclama, nas condições atuais, uma revalorização dos lugares e uma adequação de seu estatuto político. [...] Assim, a

possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente, desde que, dentro da nação, seja instituída uma federação de lugares, uma nova estruturação político-territorial, com a indispensável redistribuição de recursos, prerrogativas e obrigações. A partir do país como federação de lugares será possível, num segundo momento, construir um mundo como federação de países (SANTOS, 2000, p.113).

Evidencia-se que o autor privilegia e enfatiza um tratamento da questão pela perspectiva da política, advogando que será ela que irá conduzir a cidadania num comprometimento com a realidade local do Estado. Nesse sentido, ressaltamos que Milton Santos (2000) irá se posicionar de maneira bastante crítica em relação à política estatal. Conquanto a globalização suscite a possibilidade e mesmo a necessidade de uma cidadania global, pode-se compreender que Milton Santos (2000) acredita que isto deva acontecer, antes de tudo, nos lugares, com o Estado propiciando condições políticas para tanto. Só a partir dessa escala local é que a proposta de cidadania se faria presente por todo o território nacional. E quanto a isso Milton Santos (2000) se mostra otimista, quando nos diz que temos que “[...] nos preparar para a nova etapa que, aliás, já se anuncia – a da reconstrução do arcabouço político-territorial do país ao serviço da sociedade, isto é, da população” (p.105).

6. Globalização, ideologia e o ser.

Através dos desenvolvimentos dos meios técnicos e dos meios de informação, os diversos lugares do mundo possuem a capacidade de se relacionar, principalmente no atual modelo capitalista, no qual a economia é o principal elo entre os continentes. Não há como negar que hoje vivemos uma realidade diferenciada de outros períodos da história. É diante dessa perspectiva que o homem passa a se relacionar de forma distinta, tanto consigo mesmo, como com o seu próximo e com o mundo que lhe é apresentado.

A disposição do capitalismo, junto ao desenvolvimento tecnológico, remonta a vida e ao cotidiano de cada um, e em cada lugar onde se instala. A busca pela lucratividade e o consumismo torna-se evidente na proposta da atual condição em

que vivemos. Em razão disso, José Luís Fiori (9) irá nos dizer que não existe uma divergência de interpretação entre os que pensam e analisam o sistema capitalista após o término da Segunda Guerra Mundial. As contestações de compreensão se encontrariam na maneira de interpretação geral de sua manifestação. Tais concepções irão ressaltar certos aspectos e oferecer implicações desse processo. A respeito disso é que o autor irá destacar a posição de Milton Santos referente à globalização:

Os liberais, subscrevendo a interpretação hegemônica, privilegiam os aspectos econômicos desta segunda “grande transformação” do século 20. Para eles, trata-se de uma consequência necessária e inapelável das transformações tecnológicas que, somadas à expansão dos mercados, derrubaram as fronteiras territoriais e sucatearam os projetos econômicos nacionais, promovendo uma redução obrigatória da soberania dos Estados. A partir daí, a própria globalização econômica e a força dos mercados promoveriam uma homogeneização progressiva da riqueza e do desenvolvimento por meio do livre comércio e da completa liberdade de circulação dos capitais privados, o que acabaria conduzindo a humanidade na direção de um governo global, uma paz perpétua e uma ‘democracia cosmopolita’.

Nesta perspectiva, Demétrio Magnoli (1997, p.6-7) pode-se enquadrar nesta posição. Admitindo que a globalização seja um projeto que se inicia com as grandes navegações na busca de uma unidade planetária, esse processo se estabeleceria, assim, por vias econômicas, apresentando o fenômeno como a busca por parte dos Estados por alternativas econômicas para a formação de uma unidade mundial para sanar as necessidades que se apresentam. Milton Santos (2000, p.141) se contrapõe a essa idéia, assinalando que: “Não se pode dizer que a globalização seja semelhante às ondas anteriores, nem mesmo uma continuação do que havia antes, exatamente porque as condições sua realização mudaram radicalmente”.

(9) Disponível em: < <http://br.geocities.com/madsonpardo/index.html>>. Acesso em: 12 maio 2008.

Vieira (1997, p.73-74) também irá destacar a questão econômica como sendo o vetor desse atual processo que irá envolver o mundo, apontando, porém, outras variáveis, tais como a organização social e do pensamento, por conta da difusão de padrões transnacionais. Mas, de qualquer forma, a economia seria o vetor principal dessa difusão, compreendendo a totalidade desse movimento.

Nesse sentido, Milton Santos vai nos demonstrar uma incoerência diante dessa proposta de mundialização econômica imposta pelo sistema capitalista. Podemos inferir com Fiori (10) que:

O problema, como demonstra Milton Santos, é que esta utopia vem sendo insistentemente negada pelos fatos, já que as conseqüências sociais e econômicas do processo real de globalização são completamente distintas, dependendo do território e do poder dos Estados. A globalização não é uma imposição tecnológica nem tampouco apenas um fenômeno puramente econômico, que envolva somente novas formas de dominação, estratégias e imposição vitoriosa de determinados interesses, tanto no plano internacional quanto no espaço interno dos Estados nacionais.

O papel ideológico ganha expressividade nesse aspecto para Milton Santos (2000, p.50-51), pois

[...] a ideologia se torna real e está presente como realidade, sobretudo por meio dos objetos. [...] Eles se apresentam diante de nós não apenas como discurso, mas como um discurso ideológico, que nos convoca, malgrado nós, a uma forma de comportamento. [...] Uma das grandes diferenças entre o mundo de há cinquenta anos e o mundo de agora é esse papel de comando atribuído aos objetos. E são objetos carregando uma ideologia que lhes é entregue pelos homens do *marketing* e do *design* ao serviço do mercado.

(10) Disponível em: < <http://br.geocities.com/madsonpardo/index.html>>. Acesso em: 12 maio 2008.

É necessário, pois, analisar a concepção de Octávio Ianni (1997, p.158) a respeito do sistema capitalista. Segundo o autor este proporciona diversas formas de alienação. Isto se dá em função da sua própria forma de se instalar nos espaços.

Na medida em que transforma continuamente as condições sociais de vida nos países em que ele já se encontra enraizado, e revoluciona as condições sociais de vida em tribos, clãs, nacionalidades e nações nos quais não havia chegado ou encontrava-se pouco desenvolvido, o modo capitalista de produção provoca a emergência de outras formas de sociabilidade.

Dessa perspectiva podemos colocar a globalização com uma nova forma do capitalismo a se adequar às novas condições econômicas, políticas e sociais. Disso pode-se inferir que tal processo pode ser apenas mais uma fase em que o sistema de produção capitalista esteja se valendo para uma afirmação desse atual contexto. Assim sendo, salientamos que Octávio Ianni (2002, p.7), apesar de concordar com as contradições implícitas que a globalização apresenta, irá caracterizá-la como um movimento ainda em conformação, algo em vias de constituição. Define-a, portanto, como uma tendência pertinente ao desenvolvimento histórico, político, econômico e cultural.

Boaventura de Sousa Santos (2002, p.31), por sua vez, classifica esse processo como uma forma do neoliberalismo que se nutre das condições atuais da economia. Destaca que é mais uma estratégia nova e diferenciada devido às condições técnicas oferecidas para a acumulação do capital. A dissociação do capital dos propósitos políticos e sociais é o que estaria, segundo o autor, resultando no descomprometimento das políticas internas para com a sua sociedade. Nesse sentido, ressaltamos que essa concepção se assemelha à de Milton Santos (2000, p.52) quando diz que:

Ao longo da história passada do capitalismo, paralelamente à evolução das técnicas, idéias morais e filosóficas se difundem, assim como a sua realização política e jurídica, de modo que os costumes, as leis, os regulamentos, as instituições jurídicas e estatais buscavam realizar, ao mesmo tempo, mais controle social e, também, mais controle sobre as ações individuais, limitando a ação daqueles vetores que,

deixados sozinhos, levariam à eclosão de egoísmos, ao exercício da força bruta e a desníveis sociais cada vez mais agudos.

Na fase atual de globalização, o uso das técnicas conhece uma importante mudança qualitativa e quantitativa. Passamos de um uso “imperialista”, que era, também, um uso desigual e combinado, segundo os continentes e lugares, a uma presença obrigatória em todos os países dos sistemas técnicos hegemônicos, graças ao papel unificador das técnicas de informação.

Numa linha de pensamento mais moderada em relação a esse processo, vão se encontrar Anthony Giddens (1990 *apud* VIEIRA, 1997, p.73) e Michel Wieviorka (2007, p.1150). Para o primeiro, a globalização vai se caracterizar pelas relações de acontecimentos que se estabelecem na escala do mundo e do lugar. Para o segundo autor, há uma consideração do fenômeno como um fator de compreensão das demais questões que possam estar ligados à sociedade e à política. De certa maneira, existe uma confluência de idéias entre estes autores e o pensamento de Milton Santos (2000, p.112) quando ressaltam a importância dos lugares nesta compreensão e o *desfalecimento* [grifo meu] da política (SANTOS, 2000, p.67-69) perante as ações privadas do capital.

Enquanto Milton Santos (2000, p.112) destaca a categoria lugar para o entendimento do processo de globalização, Rogério Haesbaert (2002, p.14) irá salientar a importância dos territórios diante dessa análise atual, destacando que estamos diante de um período em que há uma postura dominante por parte de atores hegemônicos, percebendo-se, contudo, o surgimento de manifestações territoriais em emergência. Mas, apesar disso, o autor evita caracterizar esse momento do qual a “era global” insinua suas faces. Por outro lado, chama-nos a atenção para as abordagens conceituais (pós-fordismo, pós-industrialismo, pós-modernismo), utilizadas para tratar o fenômeno. (HAESBAERT, 2002, p.168-170).

Georges Benko (2002, p.86) levantada algumas características econômicas que não nos permitiriam ter uma posição clara e concreta do que realmente possa estar se delineando no período atual. No entanto, essa fragilidade econômica abordada por Benko (2002) vai se apresentar para Milton Santos (2000, p. 149 -151) como o limite desse modelo de globalização “oferecido” pelos países do Norte (Europa, Japão e Estados Unidos).

Para Milton Santos (2000, p.159- 163) desenvolver-se-ia uma conscientização por parte da sociedade suscitada pelas contradições desse processo de globalização e de sua fragilidade. A idéia de ser ganha aqui destaque nessa mudança de valores perante as ideologias disseminadas por esse modelo de globalização (SANTOS, 2000, p.172 -173). Neste sentido Manuel Castells (1999, p.57-60) ressalta a necessidade de uma maior compreensão do ser nesse contexto atual. Para este autor essa análise é um “[...] terreno a ser explorado, não apenas mostrado”.

7. Limites e possibilidades de uma *outra* globalização

Com base nas discussões realizadas, podemos inferir, a partir da obra de Milton Santos e dos aportes teóricos de outros autores, quais os impedimentos e as possibilidades da realização de outra forma de globalização. Visto que esta ainda se apresenta como um fenômeno permeado por diversas leituras e conceituações, destacam-se algumas características inerentes a esse processo.

Fundamentada no modelo capitalista de produção, este fenômeno, na atual conformação que se apresenta, busca seu desenvolvimento através das possibilidades que as vias econômicas do qual o denominado neoliberalismo garantiu a sua afirmação (IANNI, 1997, p.47; VIEIRA, 1997, p. 77; SOUZA SANTOS, 2002, p. 31). Em função disso, torna-se evidente a ação das grandes empresas, aliada às políticas dos Estados, no uso e no controle do espaço (HOBSBAWM, 1995, p. 256-257; BENKO, 2002, p.29). Neste sentido, ressaltamos que o capitalismo, mais propriamente o capital financeiro, apoiado pelas flexibilizações da produção (BENKO, 2002, p.29; VIEIRA, 1997, p. 7) e no uso das tecnologias de informação, (CASTELLS, 1999, p.67), detém atualmente a capacidade de organização do espaço mundial de forma surpreendentemente eficaz. Como sabemos, a premissa básica desse sistema é a busca pela lucratividade, o que deixa exposto as suas inerentes contradições (IANNI, 2002, p.23-24; SOUZA SANTOS, 2002, p.31).

Em face desta estrutura, Milton Santos (2000) irá destacar que existe a possibilidade de outro caminho para que esse modelo excludente possa ser superado. Para o autor essa reversão do processo se daria pela tomada de consciência dos indivíduos e, posteriormente, pela sociedade como um todo (p.159 - 163), por uma

nova forma de uso das técnicas (p. 163-165), pela mutação da própria política e da filosofia de condução dos meios científicos e técnicos de que dispomos (p.174).

A velocidade, portanto, é destacada por Milton Santos (2000, p.117) como um desses limites, sendo que ela “[...] não é um bem que permita uma distribuição generalizada, e as disparidades no seu uso garantem a exacerbação das desigualdades”. David Harvey (2004, p.179-181) concorda com isso quando admite que:

As novas tecnologias aumentaram o poder de certas camadas privilegiadas; ao mesmo tempo, sistemas alternativos de produção e de controle do trabalho abrem o caminho para a alta remuneração de habilidades técnicas, gerenciais e de caráter empreendedor.

Dessa forma podemos inferir que, no mundo atual, a velocidade é utilizada para beneficiar fundamentalmente o desenvolvimento econômico. Mas, esse uso, tem se mostrado causador de desigualdades. Para Milton Santos (2000, p.119), um sinal de mudança da atual condição dos processos globais pode ser identificado no [...] desencanto com as técnicas, acompanhado por uma gradativa recuperação do bom senso, [...], em oposição à pretensa racionalidade sugerida tanto pelas técnicas em si mesmas como pela política do seu uso.

Em função disso é que Milton Santos (2000, p. 125) irá ressaltar que as crises estabelecidas são reflexos da aceleração contemporânea, na qual apenas alguns atores são privilegiados com a possibilidade da fluidez. O aspecto moral passa a se situar num segundo plano. O homem não é visto como uma finalidade perante os objetivos hegemônicos. A técnica e a política vão adquirir uma grande importância nessa discussão:

Quando aceitamos pensar a técnica em conjunto com a política e admitimos atribuir-lhe outro uso, ficamos convencidos de que é possível acreditar em uma outra globalização e em um outro mundo. O problema central é o de retomar o curso da história, isto é, recolocar o homem no seu lugar central (SANTOS, 2000, p.125).

Milton Santos (2000, p.120) esclarece também que esta racionalidade, proporcionada pelos meios técnicos, está se mostrando limitada, pois, segundo ele,

estabelece, de forma totalitária, onde a perda da razão se mostra presente. Diante disso, irão surgir, segundo o autor, diversas formas que irão negar essa racionalidade hegemônica. Podemos compreender, com base em Boaventura de Sousa Santos (2002, p.45-46) e Rogério Haesbaert (2002, p.13-15), que essas formas de negação a essas forças hegemônicas parecem bastante evidentes.

O cotidiano será um ponto de análise importante que também irá se destacar como uma das possibilidades dessa outra globalização (SANTOS, 2000, p.126). Assim, enquanto a globalização hegemônica busca a racionalidade do tempo, na busca da transformação do espaço em algo único, o cotidiano busca outra lógica, isto é, na “razão de viver”, que “[...] é buscada por meio do que, face a essa racionalidade hegemônica, é considerado como ‘irracionalidade’, quando na racionalidade o que se dá são outras formas de ser racional” (SANTOS, 2000, p.126).

Rogério Haesbaert (2002, p.13-15) converge com essa idéia quando destaca o cotidiano como o lugar do embate entre identidades. Tanto para Milton Santos (2000) quanto para Rogério Haesbaert (2002), o local e sua singularidade tornam-se um campo rico de contradições, onde se pode desenvolver uma realidade diferente. Octavio Ianni (2002, p.113) também discute essa questão da transformação da individualidade, mas como algo a ser reavaliado em função das tendências da atual globalização.

Outra característica desses limites ressaltada por Milton Santos (2000, p.119), diz respeito à acessibilidade desses meios técnicos. A pobreza será um ingrediente que irá fazer com que a consciência torne-se cada vez mais presente na história, e a solidariedade se fará atuante. Contudo, cabe-nos questionar até que ponto os indivíduos teriam essa conscientização de uma sociedade solidária, enquanto o sistema capitalista se mostra cada vez mais ostensivo (VIEIRA, 1997, p.73-74; MAGNOLI, 1997, p.5). No entanto, Milton Santos (2000, p.120) nos diz que:

Uma boa parte da humanidade, por desinteresse ou incapacidade, não é mais capaz de obedecer a leis, normas, regras, mandamentos, costumes derivados dessa racionalidade hegemônica. Daí a proliferação de “ilegais”, “irregulares”, “informais”.

Este seria, segundo o autor, um dos fatos que poderia colocar este sistema em vias de extinção. Quanto a isso Octavio Ianni (2002, p.7) observa que isto seria

apenas um reflexo dessa globalização. Uma contradição que se insere no próprio processo. Mas, o caminho para IANNI (2002, p.23-24) estaria na forma pela qual nos relacionando com essas disparidades. Para Milton Santos (2000, p.120-121):

Na esfera da racionalidade hegemônica, pequena margem é deixada para a variedade, a criatividade, a espontaneidade. Enquanto isso, surgem nas outras esferas contra-racionalidades e racionalidades paralelas, corriqueiramente chamadas de irracionalidades, mas que na realidade constituem outras formas de racionalidade. Estas são produzidas e mantidas pelos que estão “embaixo”, sobretudo os pobres, que desse modo conseguem escapar ao totalitarismo da racionalidade dominante.

É necessário, pois, analisar o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2002, p.45-46) que nos diz que estas atuais formas utilizadas pelos *de baixo* [grifo meu], como alternativa a esse modelo excludente de economia, ainda não podem ser caracterizadas como formas emancipatórias. Isso porque, no final, todos os modelos de reação produtiva acabam se integrando ao mercado econômico moderno. Exemplo disso são os catadores de papel em Bogotá. Estes, mesmo desenvolvendo uma resistência capitalista, no final estão participando do mesmo mecanismo econômico. É exatamente aí que se pode ter uma nova exploração (Boaventura de Sousa Santos, 2002, p.331-338). Tais discussões vêm de encontro às nossas preocupações, no sentido de mostrar que há uma necessidade de mudança no plano político, não apenas em âmbito local, mas também numa escala mundial.

Não só a política demonstra essa necessidade de mudança, dado que a possibilidade de um outro mundo encontra sinais também na cultura planetária. Milton Santos (2000, p.121) irá destacar que o atual momento em que vivemos permite o contato de culturas diversificadas. Isso poderá incitar uma consciência social e desencadear um questionamento do atual sistema. Este contato cada vez maior despertaria a consciência dos indivíduos para a essa racionalidade totalitária. Contudo, ressalta Octavio Ianni (2002, p.23-24), esta integração das culturas que se estabelece em relação a todas as formas de manifestações, irá trazer uma nova percepção da realidade. Mas, segundo o autor, mesmo diante das contradições, é um processo que busca a generalidade. Nesse sentido, ressaltamos que esse processo racional e hegemônico, que se apresenta contraditoriamente, tanto pode ser negado pela sociedade como pode também ser re-significado por ela.

Desta maneira, em que medida a sociedade global teria a capacidade de resignificar todo um modo de vida constituído ao longo da história? Nesse aspecto Milton Santos (2000, p.165-166) coloca a condição da escassez como um fator de conscientização da proposta de uma mudança no pensamento universal. Mas, no entanto, observamos que esta realidade oferece-nos interpretações ainda muito frágeis para uma efetiva compreensão dos fatos (HAESBAERT, 2002, p.168-170), e que as ciências humanas enfrentam momentos críticos e que necessitam de uma nova abordagem (IANNI, 2002, p.7). A partir dessa reflexão pode-se perceber que vivemos um momento um tanto que confuso da história.

Embora este período apresente suas disparidades, será diante dessa própria realidade que se podem encontrar alternativas para a superação desses impasses. Como o próprio capitalismo se mostra um modelo de produção que se desenvolve contraditoriamente, do qual o atual processo de globalização se sustenta (IANNI, 2002, p.23-24), está implícito em sua constituição os vetores que podem oferecer a possibilidade de sua transformação. Contudo, ressalta Milton Santos (2000, p.144), a cultura popular estaria apta para provocar essa contestação da cultura de massa, alimentada pela racionalidade hegemônica. Seria através da reutilização dos próprios meios de propagação da cultura de massa que o cotidiano, detentor de um conteúdo simbólico e territorializado, sustentaria a mudança. É necessário, pois, analisar o comportamento do nosso atual sistema capitalista. Georges Benko (2002, p.86) nos diz que o sistema econômico vem sofrendo oscilações desde que se iniciou essa integração mundial da economia. Destaca ainda a apresentação ainda limitada das empresas estrangeiras. Em função disso ressalta a condição ainda frágil dessa integração econômica então atuante.

Podemos compreender, com base em Demétrio Magnoli (1997, p.5), que este processo de globalização é uma proposta que remete a tempos remotos. Uma concepção que nos leva às grandes navegações do século XV. Dessa perspectiva, este autor salienta que o mundo atual nada mais do que uma intenção de unidade planetária (MAGNOLI, 1997, p.7). Afirma ainda que as formações de blocos econômicos está relacionada à necessidade dos Estados inserirem suas economias num circuito mundial (MAGNOLI, 1997, p.5). Contudo, ressalta Magnoli (1997, p.6), a globalização é uma reorganização do espaço a favor das novas necessidades.

Tais afirmações vêm de encontro ao questionamento da atual condição de integração mundial. É preciso, então, analisar a relação entre a condição cultural e social frente à imposição econômica capitalista que se faz presente. Daí a necessidade de se identificar qual a finalidade dessa globalização, portanto explorar a sua dimensão teleológica. Embora se apresente como uma proposta de unificação mundial torna-se nítido que as suas contradições se mostrem como uma confusão de percepções, desigualdades sociais, competitividade e consumismos exacerbados. (HARVEY, 2004, p.315-317, SANTOS, 2000, p.50-51, SOUSA SANTOS, 2002, p.14, SANTOS, 2000, p.46-50).

No entanto, no campo das possibilidades, identificamos aspectos que se salientam sobre a realidade atual. Estes estariam ligados aos movimentos que buscam se contrapor a essa globalização hegemônica (HARVEY, 2004, p.177-178). Uma característica dessa atual globalização é que embora ela se apresente de maneira perversa (SANTOS, 2000, p.19-20) ela possui a oportunidade de se buscar no cotidiano uma nova significação do território (HAESBAERT, 2002, p.13-15; SOUSA SANTOS, 2002, p.45-46), em que as próprias materialidades que são usadas para agravar as desigualdades sociais poderão servir de base para a formação de uma nova sociedade (SANTOS, 2000, p.163 -165). As classes médias são apresentadas por Milton Santos (2000, p.139-140) como um segmento a desempenhar um novo papel diante da realidade social e política do país. Para o autor, ela agora é atingida também pela ineficácia do Estado, experimentando a escassez, e assim seria levada a reivindicar uma mudança política no país.

Desta maneira, chamamos a atenção para a idéia de lugar como uma categoria de análise fundamental a essa problematização, na medida em que essa mudança teria de se iniciar a partir do lugar, pois é nele que toda a deturpação espacial estaria engendrada (SANTOS, 2000, p.108; HARVEY, 2004, p. 177; CASTELLS, 1999, p 57-60 *apud* BARGLOW, 1994). A partir do lugar uma nova política estaria em condições de sofrer uma mudança na realidade (SANTOS, 2000, p. 168; MANZINI-COVRE, 1995, p.63-67). Esta nova concepção só viria a se constituir a partir de elaboração de uma nova política, que não se submeteria aos imperativos internacionais (IANNI, 1997, p.22; HARVEY, 2004, p.315-316).

Capítulo 4 - Considerações finais

Compreender um período da história não é uma tarefa fácil de ser conduzida. Isso se torna mais complexo diante da forma e dos meios com que essa realidade nos é revelada. O processo atual de globalização se esboça como um quadro ainda sem uma real definição. É diante desse contexto que a análise desse fenômeno social se caracteriza como algo ainda bastante nebuloso. O sistema capitalista é a base de realização da globalização atual, que se sustenta, portanto, na contradição e no desenvolvimento desigual e assimétrico. O consumismo e a competitividade insistem em se mostrar como uma venda para os nossos olhos, o que dificulta ainda mais nosso entendimento da realidade. A ideologia se faz amplamente presente e difundida pela fortíssima atuação dos veículos de comunicação e publicidade, envolvendo grande dose de sutileza em seus mecanismos. Por mais que tentemos encontrar uma resposta para compreender nosso tempo, percebemos que ainda é muito cedo para uma conclusão definitiva.

O que se pode dizer é que hoje o espaço mundial se torna cada vez mais passível de ser conhecido. Chegamos a um ponto onde temos a oportunidade de vislumbrar o mundo por inteiro com suas singularidades e suas generalidades. Desenvolvemos técnicas que nos permitem todo um mapeamento e um controle de praticamente todos os cantos desse planeta. Mas, por outro lado, nos deparamos com o fato de que, diante de todas essas possibilidades de conhecimento e com toda tecnologia disponível, nos esquecemos de nos perceber. A realidade nos mostra que as maiorias de nossas ações nos conduziram para o egoísmo, a competição e a desigualdade. A proposta de uma globalização efetiva dos lugares, ao que parece nos leva a uma condição em que ficamos cada vez mais distantes de nós mesmos.

A globalização, seja qual for a definição ou concepção ideológica que lhe confirmam, tais como “aldeia global, fábrica global, sociedade global, terra-pátria” (VIEIRA, 1997, p.70), o que se percebe, de forma unânime nos pensamentos dos autores pesquisados, é sua forma contraditória e excludente de manifestação. O estudo desta obra – *Por uma outra globalização* -, apesar de nos mostrar algumas divergências de concepções entre Milton Santos e os outros autores, nos permitiu entrar em contato com um pensamento que, mesmo diante das desigualdades sociais

provocadas por esse processo, busca indícios que levem à consciência de uma superação.

Essa busca pela mudança pode muito bem estar calcada em uma base teórica marxista escolhida pelo próprio autor, o que transparece em diversas passagens de seu livro. No entanto, o que mais nos chama a atenção é a forma como se compõe o seu discurso. O uso constante da palavra que remete a idéia de *ser* e de *lugar*. Talvez seja uma técnica adquirida pela profissão de jornalista ou, ainda, pela carreira de professor.

Mas, de qualquer forma, sabemos que nenhuma ciência é pura de intenções, e que toda relação do homem com o seu meio irá lhe causar uma constante transformação. Sempre a condição de percepção do mundo será, antes de tudo, do ser para com o seu espaço. Conseqüentemente, isso irá refletir em seu pensamento, como alguém que se insere e participa da construção da história. E, com certeza, as idéias deste livro demonstraram ser bastante profícuas e estimulantes, proporcionando ver a história, em globalização, em específico, não como uma via de mão única, mas um processo preñado de descontinuidades e indeterminações. Neste sentido, pode se pensar também não apenas como ela é, mas também como ela é poder, a partir de evidências e virtualidades do presente.

Uma *outra* globalização pode vir até ser uma possibilidade que nunca irá se realizar, numa visão mais pessimista do curso da história. Mas algo se torna claro, não só para Milton Santos, mas para todos: vivemos um momento extremamente conturbado, e tal situação clama por uma mudança que viabilize, não apenas a perspectiva de um *outro* mundo, mas principalmente a de um *novo* ser. Portanto o homem continua sendo um projeto social, bem como um espaço e um mundo que lhe sejam mais compatíveis.

Bibliografia:

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

CARVALHO, M. B. Milton Santos: intelectual, geógrafo e cidadão indignado. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, n. 124, 30 de setembro de 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DECCA, E. de. **O nascimento das fábricas**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ELIAS, D. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, n. 124, 30 de setembro de 2002.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: CONTEXTO, 2002.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 -1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **A sociedade global**. 10 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002.

MANZINI-COVRE, M. **O que é cidadania**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MAGNOLI, D. **Globalização: Estado nacional e espaço mundial**. São Paulo: Moderna, 1997.

PIRES, H. F. “*Ethos*” e mitos do pensamento único globaltotalitário. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, 1º semestre, p. 153-168, 2001.

RIBEIRO, W. C. Globalização e geografia em Milton Santos. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002.

_____. Milton Santos: aspectos de sua vida e obra. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, n. 124, 30 de septiembre de 2002.

SANTOS, B. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, B. **A Globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992.

_____. **Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos**. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo, 2002.

_____. **O País distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único á consciência universal**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A natureza do espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, M. A. da. Milton Santos: a trajetória de um mestre. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, vol. VI, n. 124, 30 de septiembre de 2002.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

WIEVIORKA, M. Violência hoje. **Ciência & Saúde Coletiva**, Paris, p. 1147-1153, 2007.

Sítios consultados:

<<http://br.geocities.com>>. Acesso em: 12 maio 2008.

<<http://www.gilbertogil.com.br>>. Acesso em: 03 abril 2008.

<<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

<<http://www.ub.es>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

<<http://www.abmes.org.br>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

<<http://www.wikipedia.com.br>>. Acesso em: 06 mar. 2008.